TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME II

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

1876

TROVADOR

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

CAMILLO C. BRANCO — Doze casamentos felizes. — Duas horas de leitura. — A Engeitada. — O esqueleto. — Estrellas funestas. — Estrellas propicias. — Fanny. — A filha do arcediago. — A filha do doutor negro. — A filha do regicida. — O demonio do ouro. 2 v. — A freira no subterraneo. — Judeu. 2 v. — Lagrimas abençoadas. — O livro negro do padre Diniz. — Livro de consolação. — Lucta de gigantes. — Memorias do carcere. 2 v. — Memorias de Guilherme do Amaral. — Memorias de fr. João de S. J. Queiroz. — Mysterios de Lisboa. 2 v. — O mosaico. — A neta do arcediago. — No Bom Jesus do Monte. — Noites de insomnia, publicação mensal. 12 vol. — Noites de Lamego. — Aonde está a felicidade? — O olho de vidro. — O que fazem mulheres. — Quatro horas innocentes. — A queda de um anjo. — O Regicida. 1 v. — Romance de um homem rico. — Romance de um rapaz pobre. — O retrato de Ricardina. — O sangue. — — Scenas contemporaneas. — — Scenas da Foz. — Scenas innocentes da comedia humana. — O senhor do paço de Ninães. — A serêa. — O santo da montanha. — As tres irmãs. — A mulher fatal. — Um homem de brios. — Vingança. — Vinte horas de liteira. — Virtudes antigas. — A douda do Candal.

OBRAS DIVERSAS DO MESMO AUTHOR — Divindade de Jesus. — Horas de paz. — Os martyres. 2 v. tr. — O genio do christianismo. 2 v. trad. — A immortalidade, a morte e a vida, trad. — Jesus Christo perante o seculo, trad. — Apreciações litterarias. — O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas. — Vaidades irritadas e irritantes. — D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, biographia. — A espada de Alexandre.

DRAMAS DO MESMO — Abençoadas lagrimas. — Como os anjos se vingam. — O condemnado. — Espinhos e flôres. — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres Novas. — Justiça. — O morgado de Fafe em Lisboa. — O morgado de Fafe amoroso. — Poesia ou dinheiro? — Purgatorio e paraiso. — O ultimo acto.

MENDES LEAL — Os primeiros amores de Bocage, comedia. — Canticos, poesias. — Os mosqueteiros d'Africa. 1 v. — Infaustas aventuras de mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão. 1 vol. — O pavilhão negro, poemeto. — Os bandeirantes (chronica do ultramar). 3 v. — O calabar, historia brazileira. 4. v. — Guerra do Nizam, trad. — A afilhada do barão, comedia. — Pedro, drama. — Pobreza envergonhada, drama. — Egas Moniz, drama. — A pobre das ruinas ou o corsario vermelho, drama e outros.

JULIO DINIZ — A morgadinha dos cannaviaes, chronica da aldêa. 2 v.

ALMEIDA GARRET — Viagens na minha terra. 2 v. — Arco de Sant'Anna. 2 v. — Flôres sem fructo; Lyrica, poesias. — Fabulas, folhas cahidas. — D. Branca, poema. — Romanceiro. 3 v. — Camões, poema. — Catão, tragedia. — Merope e Gil Vicente. — Frei Luiz de Sousa. — D. Philippa de Vilhena. — Sobrinha do marquez. — O Alfageme de Santarem. — Tratado de educação.

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME II

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

—

1876

TROVADOR

MODINHAS

QUANDO TUDO ME ABANDONA

Quando tudo me abandona,
Quando vou deixar a vida,
Ouve ao menos, por piedade,
Minha triste despedida.

Adeus, Felina,
Tão negra sorte
O anjo da morte
Vem terminar.

E vai sumir-se
Na campa fria,
Quem só vivia
P'ra te adorar.

DE TI BEM LONGE

Poesia de J. A. Barros, e musica do mesmo

De ti bem longe,
Meu dôce encanto,
Sinto minh'alma
Envolta em pranto.

Meu Deus, que dôres,
Que febre ardente
Me abraza o peito,
Me faz demente!

Adeus, meu anjo,
Morro te amando,
No pensamento
Só te abraçando.

Teima constante
N'um pobre louco,
Que os teus amores
Gozou tão pouco.

ESTRIBILHO

Ai, que não posso
Nos braços teus
N'esta hora extrema
Dizer-te — adeus!

O DESTINO

Quer o fado que te adore,
Que por ti viva a soffrer!
Cumprirei o meu destino,
Hei-de amar-te até morrer.

Tu és um anjo
Sempre lembrado,
Em qualquer tempo
Sempre adorado.

És meu bem, és minha vida,
Meu thesouro, meu prazer;
Eu jurei-te ser constante,
Hei-de amar-te até morrer.

Tu és um anjo — etc.

Desdenhosa — se tu folgas
Com meu triste padecer,
Não importa, bella Marcia,
Hei-de amar-te até morrer.

Tu és um anjo — etc.

COM AS LAGRIMAS NOS OLHOS

Com as lagrimas nos olhos,
Com a dôr no coração,
Vou soltar da pobre lyra
A minha triste canção;
É singela e tão sentida
Como os ais na solidão,
Mas ardente e abrazada
Como a dôr no coração.

Dentro d'alma foi nascida,
Foi a dôr que m'a inspirou,
Foi a férvida saudade
Que no meu peito a gerou;
Foi a bençâo derradeira
Que minha mãi me lançou,
Foi a dôr, a dôr immensa
Que este meu peito inspirou.

Minha mãi! primeiro nome
Que a sorrir balbuciei;
Minha mãi — dôce harmonia
Que jámais olvidarei;
Espero na santa crença
Que no peito alimentei,
Tal nome levar a Deus
Que a sorrir balbuciei.

Minha mãi e dôce amiga,
Meu primeiro e santo amor,
Para mim foste na vida
Qual um anjo do Senhor;

Quantas vezes em teu peito
Escondias tua dôr!
Mãi! oh! mãi! Tu foste sempre
Meu primeiro e santo amor.

Sempre meiga e carinhosa
Vi o teu pranto correr,
— Dôce pranto que soltavas
Á voz do meu padecer;
Como mãi só tu podias
Minhas magoas comprehender,
E mil vezes com meu pranto
Vi o teu pranto correr.

Amor de mãi, puro e santo,
Ái de mim, já o perdi,
Tão ardente, tão sagrado,
Nunca, nunca conheci;
Ha muito amor n'esta vida,
Mas tão puro, nunca vi;
O amor de mãi conheço
Depois que o d'ella perdi.

Eu a perdi, — só no mundo,
Ao desamparo fiquei;
Foram lagrimas de sangue
Lagrimas que então chorei;
De joelhos, junto á campa,
Minha mãi por ti chamei,
Mas debálde... não me ouvias,
Ao desamparo fiquei.

RECITATIVO

PERDÃO

Perdôa, virgem, se inflammei-te o pejo
Dando-te um beijo na virginea face,
Foi um instante de loucura ardente
Que pela mente me passou fugace...

Perdôa, virgem, se n'um dôce enleio
Beijei-te o seio a palpitar de amor,
Eu não sabia que esse beijo santo
Podesse tanto enrubecer-te a côr...

Perdôa, virgem, se no meu delirio,
Mimoso lyrio, te beijei então;
Vi que fugiste vergonhosa, esquiva,
Qual sensitiva no tocar-se a mão.

Perdôa, virgem, se no teu regaço,
N'um terno abraço desmaei por fim;
Pois bem me viste nos teus pés cahido,
Louco, perdido, sem saber de mim...

Perdôa, ó virgem, se de amor captivo,
Fui-te expressivo o coração mostrar...
Sou criminoso por te haver beijado,
Eis-me prostrado... vem perdão me dar...

Perdão te peço, pois n'aquelle instante
Febre inflammante me abrazar senti!...
Enlouquecido por te vêr corando,
Fui desmaiando, e nos teus pés cahi...

Perdôa, ó virgem, que de dó careço...
Pequei, conheço; não me culpes, não...
Já estou punido, já conheço o crime...
Arrependi-me... por quem és, perdão.

C. Sarafim Alves.

LUNDÚ

AGRADOS DE NHÂ-CHIQUINHA

Ha-de haver grande parada
Com toda a tropa de linha,
Sómente p'ra todos verem
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Tem mais valor, são mais dôces
Que a mais dôce bolachinha,
São feitos de arroz de leite
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Valem mais que um bom presunto,
Mais do que um queijo de pinha;

São bons pasteis, são de nata,
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Servem elles muitas vezes
De tempero na cozinha;
Bebidos, tambem refrescam
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Cruel fado enganador
Poz-me no peito uma espinha,
Fazendo que eu não desfrute
Agrados de nhâ-Chiquinha.

'Stou pateta, 'stou perdido;
Vou chorar na camarinha:
No peito me fazem cócegas
Agrados de nhâ-Chiquinha.

Não quero saber de primas,
Nem de outra camaradinha;
Quero gozar tão sómente
Agrados de nhâ-Chiquinha.

F. Paula Braga.

MODINHAS

RÔXA SAUDADE

Rôxa saudade,
Mimosa flôr,
És o emblema
Do meu amor.

Tu não conheces
O que é paixão,
Nem os martyrios
Da ingratidão.

Teu viver triste
É apparente;
O meu é copia
Do que alma sente.

Finges viver
Tal como eu vivo,
Tu és isenta,
Eu sou captivo.

Cada folhinha
Que em ti se encerra,
Move em meu peito
Cruenta guerra.

Eu trago sempre
Alegre o rosto,
Mas tenho n'alma
Cruel desgosto.

Adeus, saudade,
Mimosa flôr,
Deus te conserve
Livre de amor.

Eu já não peço
Aos céos — ventura,
Peço o descanço
Da sepultura.

ACEITA, Ó LUCINDA

Aceita, ó Lucinda,
Rosinha tão linda,
Que orvalha-se ainda
De meigo frescor.
Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida, mimosa,
No valle de amor.

Tem terna lindeza,
Tem dôce belleza,
Do valle a princeza,
Rainha das flôres:

Toda ella é perfume,
Não nutre ciume,
Pois tudo presume
Ser deusa de amores.

No valle, vistoso,
Mui lindo e formoso,
Surgiu gracioso
Da rosa o botão;
Depois foi abrindo,
Perfume espargindo,
Mas sempre sorrindo
Com dôce affeição.

Não vês, ó donzella,
Sorrindo-se — ella,
Tão pura e tão bella
No seu desabrir?
Tu és mais formosa,
Teus labios, mimosa,
Só sabem á rosa
De affecto — sorrir.

Tu és muito linda,
Formosa Lucinda,
Qual rosa que ainda
Desabre o botão;
És casta e formosa,
Qual flôr amorosa
Que vive saudosa
Na casta isenção.

Aceita, ó lindinha,
A linda rosinha,

Gentil, galantinha,
Do seio das flôres;
Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida, mimosa,
No valle de amores.

O ESPECTRO

Espectro horrivel que surges
Junto á minha cabeceira!
Tua voz brada meu crime,
Tenho horror d'esta caveira.

Com este punhal
Que apertas, convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso.

Foge, espectro! — este tormento
Que os do inferno inda é mais forte...
Sobre meu rosto diviso
Este teu bafo de morte.

Com este punhal
Que apertas, convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso.

Ergue o pulso, e teu punhal
Buido enterra n'este peito!
Ai! mais forte, espectro, calca,
Tinge de sangue meu leito.

Com este punhal
Que apertas, tão forte,
Se a morte te dei
De ti quero a morte.

Eil-o... alli... com o mesmo ferro;
Que terror! oh! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
Vai-me abrindo a sepultura.

Oh! sombra, piedade,
Não calques assim,
Eu dei-te um só golpe,
Tu mil sobre mim.

Sumiu-se... mas inda escuto
Seus gemidos — que afflicção!
E esta mancha de sangue
Não se apaga — oh! maldição!...

Espectro, descança,
Que ao triste homicida
As dôres do inferno
Começam na vida.

RECITATIVOS

A VIRGEM MORENA

Quizera, virgem, n'esta terna hora
Que a dôr minora os tormentos meus,

Pulsando a lyra, descantar contente,
Mui dôcemente, os encantos teus.

Morena, amo-te com fervor tão forte,
Que perco o norte só pensando em ti;
Teus attractivos me enfeitiçam tanto,
Que verto pranto que jámais verti.

Amo-te muito, occultar não devo,
Mas não me atrevo meu soffrer dizer;
Sinto no peito tão ardente chamma
Que me inflamma — sem allivio ter.

Quizera mesmo, sem pensar na vida,
Tão fementida, elevar-te um dia;
Porém debalde, desafina a lyra,
E nem me inspira a dôce poesia!...

DONZELLA

Donzella bella que a terra encerra,
Qual anjo archanjo, eu sonhei, amei;
Só cria e via no profundo mundo,
Amores, flôres que eu não gozei.

A esperança mansa que me viu, fugiu,
Deixando, dando por amores, dôres;
O vento lento que acalma a alma,
Quebrou, pisou as tenrinhas flôres.

Risonhos sonhos de innocente, crente,
Profundo o mundo não o cria e via,
Da desgraça a taça nos amargos tragos,
Consiste, existe o que não previa.

Foi tanto o pranto, que enlutou, matou,
Immensas crenças do meu eito peito,
Descrida vida, que inflamma a chamma
No peito a eito de soffrer desfeito.

A immensa crença do passado amado
Findou, deixou só por sim, um ai...
Da campa a tampa se desprende, fende,
Da morte o córte já ferindo vai.

LUNDÚ

O TESTAMENTO

Nada de graças, nada de dicterios,
Que eu vou tratar de negocios muito serios:

As mocinhas do tom quando eu morrer,
Passarão cinco dias sem comer.

Pois um morto que causa tanta magua
Requer um jejum de pão e agua.

Não quero meu corpo puxado por cavallos,
E nem se ouçam dos sinos os badalos.

Cincoenta velhas bem feias e carecas
Atraz irão a tocar suas rabecas.

Outras tantas sem geito — desdentadas
Irão dançando as suas galopadas.

Muitas outras, formadas em piquetes,
Irão tambem atacando seus foguetes.

Trinta moças bonitas e gorduchas
Irão dançando suas valsas e cachuchas.

Outras tantas vestidas de touquim
Tocarão do outro lado seu flautim.

Quatro donzellas que façam bem *crochet*
Irão cantando o meu *Libera-mé.*

Um velho calvo — que seja bem pansudo
Irá na frente soprando em um canudo.

O meu caixão irá escancarado
Para ser visto pelo sexo amado.

Levarei lindas palmas e capellas
Offerecidas por velhas e donzellas.

Irei de botas — em fralda de camisa,
Pois um defunto de luxo não precisa.

Quando á porta eu chegar do cemiterio
Tudo se cale e fique muito serio.

Hão-de todos pegar no meu caixão
P'ra meu corpo lançar no frio chão.

Quarenta velhas que sejam bem velhinhas
Cantarão na minha cova as ladainhas.

E quando o padre me estiver encommendando
As moças todas devem 'star sempre chorando.

Quando acabar e disser — *Âmen Jesus,*
Hão-de todos fazer — *signal da cruz.*

E quando se pozer a capa rôxa,
Cada moça pegará na sua tocha.

Em torno á cova dançarão a galopada
Até que a terra fique bem socada.

Pois eu não sei para que se dizer deve
A um morto — *A terra lhe seja leve.*

MODINHAS

ARVOREDO, TU JÁ VISTE

Arvovedo, tu já viste
A minha Jonia mimosa,
Vir-se mostrar saudosa
Com seu rosto encantador.

Deixa cahir tuas folhas,
Sente tambem minha dôr.

Jonia ás vezes me dizia
Com amante singeleza:
—Aonio, tem a certeza
Que eu te amo com ardor.

Mudam-se os tempos
D'esta ventura,
Jonia, perjura,
Não tem-me amor.

QUANDO EU MORRER...

Quando eu morrer ninguem chore minha morte,
Esqueçam meu cadaver em seu leito;
Mas levem-na bem triste, as tranças soltas,
E deixem-na chorar sobre o meu peito.

Nada mais quero do que um cyrio acceso;
Ninguem junto a meu leito de finado;
Só ella a soluçar, pallida e louca,
Reclinada em meu peito enregelado.

Consolem minha mãi—que talvez morra,
Afastem-na de tudo quanto amei;
Pela rua onde passar o meu enterro
Não lhe mostrem o retrato que lhe dei.

A meu pai nunca fallem em meu nome,
Deixem-no mudo, combater a sua dôr;
Mas se o virem chorar, oh! não lhe fallem,
Respeitem—que me tinha muito amor.

E tranquillo, meu Deus, a vós entrego
A fragil vida de minha casta irmã;
Candida flôr—que o pranto da saudade
Será orvalho que não tem manhã.

Nada mais quero;—e que ninguem chore.
Esqueçam meu cadaver em seu leito;
Mas levem-na bem triste, as tranças soltas,
E deixem-na chorar sobre meu peito.

ACABA DE ASSASSINAR-ME

Acaba de assassinar-me,
Satisfaz tua maldade:
Dei-te metade da vida,
Tira, pois, outra metade.

Quando cadaver
Já fôr mudo e frio,
Atira-o ao rio
Que geme a teus pés;
Dá-lhe um sorriso
D'amor, expressiva,
Finge-te compassiva
De mim—uma vez.

Dava-te o meu coração
Se o podesse arrancar;
Arrancando-o sei que morro,
Morto não posso te amar.

Quando cadaver
Já fôr mudo e frio,
Atira-o ao rio
Que geme a teus pés;
Dá-lhe um sorriso
D'amor, expressiva,
Finge-te compassiva
De mim—uma vez.

MEIA NOITE, HORA TERRIVEL

Meia noite, hora terrivel,
Silencio reina profundo,
Só eu vivo n'este mundo
Meditando no amor,
Que por ser tão desditoso
Me fará morrer de dôr.

A lua lá vem surgindo,
Tão bella como uma rosa;
Bella lua, tão mimosa,
Mais augmentas meu amor,
Que por ser tão desditoso
Me fará morrer de dôr.

Mas, ingrata, me não ama,
Porque sou mui desgraçado,
Porque sinto apaixonado
Por ella — sómente amor,
Que por ser tão desditoso
Me fará morrer de dôr.

RECITATIVOS

A MINHA IRMÃ

Se eu fôsse do céo archanjo mimoso,
Que lyra divina fizesse vibrar,
Em sons maviosos, irmã, eu quizera
Hoje, contente, teus annos cantar.

Se eu fosse do prado mui bella florinha,
De aroma suave e galante côr;
Quizera vaidosa ornar teus cabellos,
E n'elles murchar—perder meu odor.

Se thesouros immensos no mundo eu tivesse
Que mil ricas prendas podesse offertar,
Quizera vêr-te hoje de joias cercada,
Riquezas sem conta far-te-hia gozar.

Mas archanjo não sou, nem bella florinha,
Thesouros não tenho que possa offertar-te,
Só posso mostrar-te em meu pobre canto
A amizade mais pura que sei consagrar-te.

Rio, 28 de agosto.

Candida Isabel de Pinho Cotrim.

NÃO SEI, MAS SEI

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,
Nem sei expôr-te o anhelar do peito;
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,
Sei que aos teus rogos viverei sujeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,
Nem sei se a vida me será risonha;

Mas sei que embora do porvir descreia
Minh'alma é linda se comtigo sonha.

Não sei se a briza me trará perfumes,
Nem sei se a lua do meu céo não dista;
Mas sei que aurora para mim desponta
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flôres no existir de infante,
Nem sei se ha fructos na estação de amores;
Mas sei que existem sobre um chão d'espinhos
Meus cinco lustros de continuas dôres.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,
Nem sei se ha prantos quando amor se goza;
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,
Meu peito o luto sem querer desposa.

Não sei dizer-te o que tenho n'alma,
Nem sei contar-te, quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

F. Leitão.

LUNDÚ

PAI JOÃO

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,

Chega na tera dim baranco,
Iô mi chama — Pai João.

Quando iô tava na minha tera
Comia minha garinha,
Chega na tera dim baranco,
Cáne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava generá,
Chega na tera dim baranco
Pega o cêto vai ganhá.

Dizofôro dim baranco
Nô si póri aturá,
Tá comendo, tá... drumindo,
Manda negro trabaiá.

Baranco — dize quando môre
Jezuchrisso que levou,
E o pretinho quando móre
Foi cachaxa que matou.

Quando baranco vai na venda
Logo dizi tá 'squentáro,
Nosso preto vai na venda,
Acha copo, tá viráro.

Baranco dizi — preto fruta,
Preto fruta co rezão,
Sinhô baranco tambem fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha,
Fruta sacco de fuijão,

Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na correcção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.

MODINHAS

GRATO MYSTERIO

Grato mysterio
Que est'alma sente,
Vida de amores
Que a ti me prende.

Se os meus prazeres
Não desfallecem,
Os meus gemidos
Não emmudecem.

Se dos jardins
Vejo o primor,
Tu és das flôres
A melhor flôr.

Se os astros vejo
No teu semblante,

Lançam teus olhos
Luz mais brilhante.

Esgota o mundo
Os dotes seus,
Todos — no dia
Dos annos teus.

Não queima o frio,
O sol não arde,
É pomo de ouro
Nas mãos da tarde.

Oh! nympha bella,
Em toda a era
Sejam teus dias
De primavera.

Um anjo sejas
Pela ventura,
Como és um anjo
De formosura.

NO VERDOR DOS TEUS ANNOS

No verdor dos teus annos — amei-te,
Pequenina tu eras então;
Innocente, formosa, tão linda,
Como é lindo da rosa o botão.

Mas cresceste, e comtigo tambem
Da riqueza a vil ambição;
Esquecendo as juras tão santas,
Só me déste rigor e traição.

Mas permitta este Deus que nos ouve,
Testemunha do meu padecer,
Que feliz um só dia não sejas,
Que o hymeneu não te traga prazer.

Este homem por quem me abandonas,
E que o amor não te sabe entender,
Que te vote o mais fero desprezo,
Que de pena te faça morrer.

TENHO SORRISO NOS LABIOS

Tenho sorriso nos labios
E a dôr no coração,
Minh'alma hoje padece
A mais intensa paixão.

Soffrer eu já não posso
Esta mão tão homicida;
Se teu prazer é este,
Tira-me a triste vida.

Quando o céo em recompensa
Minha innocencia mostrar,
Saberás então morrer,
Sabendo tambem amar.

Soffrer eu já não posso — etc.

Percorrendo esses lares,
Entre sepulchros volvendo
Acharás o nome escripto
De quem por ti viveu soffrendo.

Soffrer eu já não posso — etc.

O pranto que eu hoje verto
É qual tributo de amor;
Só terão fim minhas lagrimas
Quando cessar minha dôr.

Soffrer eu já não posso — etc.

AVELINA

Para ser cantada pela musica da modinha — *Mal te vi eu te amei*

Teu semblante gentil, seductor,
De teus olhos o terno brilhar,
Nas cadêas me prende de amor,
Não mais posso senão te adorar.

Vem, ó bella, das bellas rainha,
Vem, ó flôr de celeste jardim;
Vem, formosa e gentil moreninha,
Dar-me vida ou matar-me, vem... sim.

Morrerei se desprezas a chamma
Que arde dentro de meu coração;
Morrerei se a paixão que me inflamma
Não merece de ti compaixão.

Vem, ó bella, das bellas rainha — etc.

Morrerei se com ar desdenhoso
Os teus olhos fitares em mim;
Morrerei se do peito amoroso
Desprezares meus cantos sem fim.

Vem, ó bella, das bellas rainha — etc.

Mas se aceitas o amor terno e puro
Que te vota o meu peito, Avelina!
Dá-me um — sim — de teus labios, e juro
Que adorar-te será minha sina...

Vem, ó bella, das bellas rainha — etc.

Ignacio.

RECITATIVOS

QUIQUITA

Quizera dizer-te que dura e pungente
Saudade inclemente meu peito trucida;

Porém que minha alma de ti mesmo ausente
Amor mais fervente te guarda, ó querida!

Quizera beijar-te com tal castidade,
Que só da saudade tirasse a tortura!
Quizera em teus braços depois, ó deidade,
Fallar-te á vontade de amor e ventura!

Quizera fallar-te dos nossos amores,
Dos quadros de flôres que juntos fizemos!
Lembrar-te esses tempos tão bellos, sem dôres
E os mil amargores que em troca tivemos.

Porém de que servem lembranças, desejos,
Que valem os beijos e gozos de outr'ora
Se o anjo das dôres, nos tristes adejos
Com feros motejos de nós zomba agora!?

Quiquita, esperemos; um Deus ha bondoso
Que ao triste, piedoso, concede caricias!
Talvez que elle mude este fado horroroso
N'um mar venturoso de eternas delicias!

Manoel de Macedo.

O MUNDO É VÃO

O mundo é vão, se o passado, ó virgem,
Imprime n'alma do soffrer a dôr;
O mundo é vão, se afagamos, loucos,
Lembranças loucas de mentido amor.

Ao avistar-te tão formosa e bella
Quiz meu futuro a teus pés depôr;
Tu desdenhaste da offerenda minha,
Pois era pobre, só te dava amor!

Amei-te, virgem, dediquei-te outr'ora
Trovas sinceras de sincero ardôr;
E tu, vaidosa, desprezaste, ingrata,
Os carmes tristes d'este teu cantor.

A primavera de ditosos gozos,
Brotou de flôres no meu peito amor;
Mas veio o inverno de descrença agreste,
Tombou as hastes e murchou a flor!

Nada me resta d'esse amor tão puro,
Nem do passado a lembrança agora;
Foi breve sonho, illusão nocturna,
Que s'esvaiu ao despontar d'aurora.

O mundo é vão, se o passado, ó virgem,
Imprime n'alma do soffrer a dôr;
O mundo é vão, se afagamos, loucos,
Lembranças loucas de mentido amor.

Henrique Machado.

LUNDÚ

CRÊ E AMA COMO EU

Para ser cantado na musica do lundú — *Mulatinha do caroço*

Ouve os meus votos, donzella,
Minha estrella,
Ouve attenta o canto meu;
E se queres ser amada,
Adorada,
Crê e ama como eu.

Não duvides, bella rosa,
Tão formosa,
D'um amor que é todo teu;
Não duvides, sê constante,
Minha amante,
Crê e ama como eu.

Tudo cede ao deus d'amor,
Minha flôr,
Tudo cede ao jugo seu;
Não serás exceptuada,
Minha amada,
Crê e ama como eu.

É teu sorriso d'um anjo,
É d'archanjo,
É divino o olhar teu;
Não deves ser inconstante,
Minha amante,
Crê e ama como eu.

*

Eu confesso que te adoro,
    Que imploro,
E só quero o amor teu;
Diz-me tambem que te ufanas,
    Que me amas,
Crê e ama como eu.

O teu olhar expressivo,
    Tão lascivo,
Já d'amor me enlouqueceu;
Em paga d'isto, donzella,
    Minha bella,
Crê e ama como eu.

Aceita, pois, bella rosa,
    Tão formosa,
O sincero culto meu;
Que sempre te pedirei,
    E direi,
Crê e ama como eu.

M. J. de Almeida.

MODINHAS

MEU DESTINO É IMMUDAVEL

Meu destino é immudavel,
Minha desgraça é constante;
Eu choro todos os dias,
Eu suspiro a cada instante.

Perdi de Lilia a belleza,
Murchou-lhe a morte o semblante;
Por Lilia, sempre chorando,
Eu suspiro a cada instante.

Vem, ó morte piedosa,
Vem findar de um triste amante
Um destino irresistivel,
Uma desgraça constante.

ADOREI UMA ALMA IMPURA

Adorei uma alma impura,
Não devo adorar assim;
Devo morrer por quem mostra
Que tambem morre por mim.

Desprezos pagam
Ingratidão;
Pagam ternuras
Firme paixão.

Firme adoro a Lilia bella,
E devo adorar assim;
Ternas provas me asseguram
Que tambem morre por mim.

Desprezos pagam — etc.

SÃO PEDAÇOS DE MINH'ALMA

São pedaços de minh'alma
Os suspiros que aqui dou;
Cahem aos pés d'uma ingrata
Que alma e vida me roubou.

Quão feliz eu não seria
Se ella estivesse aonde estou,
Essa ingrata e deshumana
Que alma e vida me roubou!

DESPEDIDA

Já pressurosa a manhã
As trevas vai dissipando;
Ligeiro batel de amor
A terra vai demandando.

Chega o momento fatal,
Bate a hora da partida;
Ah! quanto custa a minh'alma
Tão saudosa despedida!

Arminda, formosa Arminda,
Não chores, vem abraçar-me,
Não penses que a dura ausencia
Possa de ti separar-me.

Chega o momento fatal — etc.

PAIXÕES QUE EU EXTINGUI

Paixões que eu extingui,
Dias, noites que ostentei,
Vendo que tu não me amavas
Meus suspiros suffoquei.

Tu me fizeste esquecer,
Bella, outra bella que amei;
Vendo que tu não me amavas
Meus suspiros suffoquei.

OS TEUS OLHOS ANILADOS

Em teus olhos anilados
Amor feriu meu coração;
Quiz fugir, mas já sem forças
Succumbiu minha razão.

Por ti gemendo
Agrilhoado,
Mudar não posso
Meu triste fado.

Que remova o fado meu
Suspirando, rogo a Amor,
Mas, o perfido sorrindo,
Mais augmenta minha dôr.

Fogo voraz
Sinto no peito,
De ingratidão
Cruel effeito.

Foi meu amor excessivo
Que fez minha desventura;
Ó quanto melhor me fôra
Ter de amor menos ternura!

Vem a meus braços,
Morte ditosa,
Tirar-me a vida
Já tão penosa.

L....

RECITATIVOS

AOS HEROES DE RIACHUELO

Um feito assombroso das armas brazileas,
Bem mostra a bravura dos homens do mar;
Por entre a metralha da força inimiga,
Da gloria a corôa souberam ganhar!

No meio das bombas, ao golpe dos sabres,
Que scenas de sangue! Que immenso revez!
Os vultos homericos surgiam do fumo,
Batendo os escravos do infame Lopez!

Os bravos da armada, leões do oceano,
Destroçam as naves sem pena, nem dó:
O forte *Amazonas* se arroja sobre ellas,
Fazendo-as pedaços, tornando-as em pó!

A gloria brazilea sorri-se esplendente,
Mostrando aos caudilhos da escrava *Assumpção*
Que o povo que é livre não teme os pelouros
Lançados da bocca de imigo canhão!

Em breve a bandeira que óvante se espelha
Nas aguas do manso gentil Paraná,
Irá triumphante plantar-se á muralha,
Que fórma a defeza da imbelle Humaitá.

Então, brazileiros, valentes soldados,
Quaes outros romanos de cóta e de arnez,
Vereis o cacique do sul abatido,
Sem patria, sem gloriá, sem vida, talvez!

Anthero Lopes.

AMOR E CRENÇA

Anjo celeste que entrevi n'um sonho,
Tu foste a esp'rança que dourou-me a vida,
Que deu alento, que avivou a crença,
Enfraquecida por continua lida!

E como o orvalho da manhã serena
Que gota a gota vai dar vida á flôr,
Tu foste, oh virgem, quem n'um peito frio
Lançaste a chamma do primeiro amor.

Sem fé, sem crença, vagueava incerto
Qual viajante sem pharol, sem norte;
Tu foste a estrella que vivace e bella
Mostrou-me o trilho da risonha sorte!

Entre meus risos, virginal te vejo
Em uma auréola de divino encanto:
Se eu me lamento, ciciando, a briza
Vem n'um suspiro diluir meu pranto.

Por isso amei a tua imagem bella
N'atro delirio d'uma febre ardente;
Agora peço teu amor tão casto,
Já que, donzella, me tornaste crente.

Março, 1864.

F. H. da Costa Junior.

LUNDÚ

QUANDO EU ERA PEQUENINO [1]

Quando eu era pequenino,
Que diabinho
Mais travesso havia então?
Quando as moças me beijavam,
Me abraçavam,
Já lhes dava beliscão...

E brincava co'a priminha
Mariquinhas,
Escondidos no quintal;
Era tão bom o brinquedo,
Em segredo,
Á sombra do laranjal...

[1] Este lundú tem musica propria.

Já beijava-lhe a boquinha,
Fechadinha,
Como da rosa o botão;
E se ao abril-a sorria,
Eu sentia
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande,
E se expande
Em meu peito mais ardor,
Já não acho quem me beije,
Quem deseje,
Ou aceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha,
Brejeirinha,
Vai dizer tudo a vóvó;
Ouço logo uma raspança...
Que mudança!
Até fallam-me em cipó!

Assim é, embora eu jure,
E rejure,
De não dar mais beliscão;
Se peço um beijo á priminha,
Velhaquinha,
Me responde:—Ora! pois não!

Quando penso no passado,
Mal gozado,
Lembra-me um canto que ouvi;
É pura moralidade,
É verdade,
Nunca mais o esqueci:

« O gallo, em quanto criança,
Tem pitança
Que lhe dá mimosa mão;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado,
Bate co'o bico no chão. »

MODINHAS

NÃO ME OUVES SUSPIRAR?

Até onde as nuvens giram
Vão meus suspiros parar;
E tu tão perto de mim
Não me ouves suspirar?

O motivo, ingrata Elisa,
Que isso me faz lembrar,
É porque, com crueldade
Não me ouves suspirar.

Das ingratas que ha no mundo
Tu és ingrata sem par;
És tu só que entre os viventes
Não me ouves suspirar.

EU AMAVA TERNAMENTE

Eu amava ternamente
Um anjo que o céo creou,
Esse anjo era tão bello
Que minha vida alentou.

Mas a sorte que persegue
O meu triste coração,
Fez que ella desprezasse
Minha ternura e paixão.

Infeliz que só vivia,
Enlevada n'esse amor;
Illudida, incauta, cede,
Quanto lhe pede o traidor!

E depois que seu engano
Começou a conhecer,
Coitadinha, desgraçada,
Succumbiu a padecer.

MAL TE VI

Mal te vi, eu te amei, disse, é esta,
É só esta a quem devo adorar;
E nenhuma esperança me resta,
Que o teu puro affecto gozar.

Vem, ó fada gentil de meus sonhos,
Vem ao menos sorrir para mim;
Vem dourar os meus dias tristonhos,
Vem amar-me, alentar-me, vem, sim!

É por ti, só por ti que eu respiro,
É por ti que me apraz o viver;
Ah! mil vezes a morte prefiro,
Se te devo, meu anjo, perder.

Vem, ó fada gentil — etc.

Bem podias, ó sol, no horisonte
O teu orbe de fogo occultar;
Que outro sol mais que tu resplandece,
Que meus dias crueis vem dourar.

Vem, ó fada gentil — etc.

O MEU PASSADO E O MEU PRESENTE

Virgem casta, eu já fui como tu,
Já vivi como os anjos no céo;
Esta fronte que vês humilhada,
Foi coberta com candido véo.

Eu tambem como tu tive flôres,
Tive tanta grinalda singela!
Tive beijos de um pai carinhoso,
Eu tambem como tu já fui bella.

Como tu eu já tive esperança,
Já gozei d'essa vida sagrada:
Hoje vivo a luctar com as dôres,
Que fulmina a mulher desgraçada.

Tive mãi, como tu inda tens,
Que velava por minha ventura;
Que tornava meus dias ditosos,
De seus labios me dava a doçura.

Mas bem cedo, donzella, essa gloria,
Qual um sonho depressa passou,
Essas flôres sagradas que tive,
Foi um beijo infernal que as murchou.

Esse véo innocente que tive,
M'o tiraram sem pena nem dó;
Impia mão m'o rasgou com desprezo,
Nem as cinzas se encontram no pó.

Me desculpa, donzella, este canto,
Repassado de dôr e de fel:
Ouve as queixas da triste perdida,
Que são echos da sorte cruel.

RECITATIVOS

É CURTA A VIDA

E' curta a vida ao mortal ditoso
Que venturoso goza alegre o mundo;
É curta a vida se jámais sentiu,
Se nunca o feriu um pezar profundo.

E' curta a vida se ha n'ella gozos,
Ternos, mimosos, d'um viver de amores;
E' curta a vida se corre serena,
Dôce e amena, qual viver de flôres.

E' curta a vida se um amor eterno
N'um peito terno bem voraz se accende;
E' curta a vida, se goza contente
O meigo ente que seduz e prende.

E' curta a vida quando ha n'ella encantos
Prazeres tantos que á mente assaltam;
E' curta a vida se n'ella gozamos,
Se desfrutamos delicias que matam.

P'ra mim que gózo a suprema dita
Grande, infinita, de viver comtigo;
E' curta a vida e mais curta ainda
A ventura infinda que gozas commigo.

E' curta a vida — e só peço a Deus
Carinhos teus para sempre gozar;
Longe o desgosto — que não venha a dôr
Tão puro amor jámais perturbar.

Candida Isabel de Pinho Cotrim [1].

COMO EU TE AMO

Amo-te, virgem, como ama o nauta
A plaga amiga que divisa além,
Quando depois de um viajar sem fim
Encontra aquelles que buscando vem.

Amo-te, virgem, como o louco ama
Em suas noites — a visão fugaz
Que á sua mente — perturbada — ás vezes
Um pensamento radiante traz.

Amo-te, virgem, como a noiva ama
A nivea c'rôa que lhe adorna a frente,
E que o riso virginal nos labios
Nas mãos do esposo vai depôr contente.

Amo-te, virgem, como ama a flôr
Ao rocio puro das manhãs de abril,
Quando enviado pela mão de Deus
Vem humectar-lhe seu mimoso hastil.

[1] As modinhas, recitaticos e lundús, que se publicaram em algu-
as paginas do 1.º volume do TROVADOR, assignados — *Por uma joven*
minense — pertencem a esta mesma senhora.

Amo-te, virgem, como ama a rola
A matta virgem, ao romper do dia...
Quando o esposo, em suave arrulho
Canção sonora ao Eterno envia.

Amo-te, virgem, como o avaro ama
O seu thesouro que lhe offusca a vista,
Não comprehendendo que um outro amor
Mais do que aquelle que contempla — exista.

Amo-te tanto, que explicar — não sei,
Não tenho phrases p'ra exprimil-o, virgem...
Só sei dizer-te que te adoro muito...
Que teus encantos são d'amor a origem.

Sómente em troca d'este amor te pede,
Dos teus encantos o fiel cantor,
Que em vez de um riso de desprezo, ao menos
Lança sobre elle um olhar de amor!...

LUNDÚ

OS OLHOS DE YÁYÁZINHA

Nunca vi olhos tão bellos
Como os da minha visinha,
Dão a morte n'um instante
Os olhos de yáyázinha.

Não tem a côr da saphira,
Nem a côr da viuvinha,
Porém são da côr da noite
Os olhos de yáyázinha.

Elles são muito galantes
Como são os da vizinha,
Nos requebros fallam tanto
Os olhos de yáyázinha.

Tambem tem olhos formosos
A minha cara priminha,
Mas não fallam, como fallam
Os olhos de yáyázinha.

Eu encontrei no passeio
Uma gentil moreninha,
Era bella, mas não tinha
Os olhos de yáyázinha.

Fiquei tão apaixonado
Que disse a minha madrinha:
— 'Stou doente porque vi
Os olhos de yáyázinha.

Ando agora como anda
No verão bella andorinha,
Tudo por vêr um momento
Os olhos de yáyázinha.

Não sei se são olhos d'anjo,
De princeza, ou de rainha,
Só sei que matam de amor
Os olhos de yáyázinha.

*

ESTRIBILHO

São olhos lindos
De negra côr,
Os olhos d'ella
Cheios de amor!...

Gualberto Peçanha.

MODINHAS

NÃO TENHO TANTA VENTURA

O meu bem diz que ha-de amar-me
Inda além da sepultura;
Mas apesar de seus votos
Não tenho tanta ventura.

O seu rosto tem belleza,
A su'alma tem candura,
P'ra mim não são tantos bens,
Não tenho tanta ventura.

Se eu podesse noite e dia
Gozar sua formosura...
De que servem meus desejos?
Não tenho tanta ventura.

DE AMOR LIÇÕES PROVEITOSAS

De amor lições proveitosas
Em teus olhos aprendi;
Teu disciplulo, teu amante,
Não posso viver sem ti.

Os meus e teus sentimentos
N'um instante os compr'endi;
Padeço se tu padeces,
Não posso viver sem ti.

Gentil Hermania, em teus olhos
Um segredo de amor li;
Depois d'aquelle momento
Não posso viver sem ti.

Se teus passos, minha bella,
Desde então logo segui;
E depois d'esse momento
Não posso viver sem ti.

Muito tempo sem proveito
Minha paixão combati;
Hoje estou desenganado,
Não posso viver sem ti.

FLORINHA BRANCA

Vi surgir florinha branca,
De fulgente e nivea côr,
Vi-a sorrir alva e franca,
Não lhe pude rir de amor.

Ceguei-me na sua alvura,
Respirei-a, estremeci!
Quiz colhêl-a... era tão pura!
Ao tocal-a endoudeci!

Vi-a depois, doudejando,
Nas azas da viração;
E junto ao tronco—scismando
Lá ficou meu coração!

Afagada em dôce enleio
Ao hastil não mais voltou,
Das galas deram-lhe o seio
Pelos lares que habitou.

Á saudade, á desventura,
Nem sei como resisti!
Adeus, florinha, alva e pura,
Vou morrer longe de ti.

Se a scismar—o teu captivo
Te lembrou alguma vez;
Pelos ais que te deu vivo,
Morto, é bem que um ai lhe dês.

E os sonhos que eu tinha
Senti-os morrer,
E a branca florinha
Não mais hei-de vêr.

JÁ PERDI TODA A ALEGRIA

Pensando no meu destino
Passo a noite, passo o dia;
Tudo que me cerca é triste,
Já perdi toda a alegria.

Ah! não me negues
Minha paixão;
Foge do crime
Da ingratidão.

De mim foge o prazer todo,
Vou baixar á campa fria;
Nenhuma esp'rança me anima,
Já perdi toda a alegria.

Ah! não me negues — etc.

RECITATIVOS

PRIMEIRA NOTA

Prefiro a vida, a contemplar a morte;
Antes a sorte de eternal soffrer,
Do que tão moço vêr finar-se as flôres,
Santos amores de infantil viver!

Da juventude a estação querida
Vejo descrida, mas não restam ais!
Que importa a lyra? jaz lançada a um canto,
Não pede pranto, nem suspira mais...

Não ama as fórmas de gentil donzella,
Meiga, singela, nem a iguala á flôr!
Não quero os beijos de seus labios bellos,
Que são os zelos de infeliz amor!

Não tive um anjo que me désse gozos,
Dias ditosos da estação florida;
Não penso tristo no mentir dos sonhos
Que são medonhos no frescor da vida.

Agora quero, n'um descrêr profundo,
Olhar o mundo sem pudor, sem pejo;
Não curvo a fronte do destino á sorte,
Não quero a morte, mas viver desejo!

M. P. Leitão.

ULTIMA NOTA

Não quero a vida; eu prefiro a morte
Á dura sorte de eternal soffrer;
Tão moço ainda! mas infindas dôres
Mirraram as flôres de infantil viver.

Da juventude, a estação florida,
Tenho perdida, só me restam ais;
Compulso a lyra p'ra compôr um canto,
Quebrada, em pranto, já não geme mais.

Amei as fórmas de gentil donzella,
Meiga, singela, qual do campo a flôr;
Ardentes beijos em seus labios bellos
Ligaram os élos de infeliz amor.

Perdi o anjo que me dava gozos!
Dias saudosos da estação florida!
Morreu a lyra no esvair dos sonhos
Que tão risonhos me embalaram a vida.

Agora geme n'um scismar profundo,
Do tredo mundo nem prazer almejo;
Curvai a fronte ao negrejar da sorte,
Além — a morte a convidar-me vejo.

V. M. Carvalho.

LUNDÚ

UNS OLHOS QUE VI

Fiquei preso a certos olhos
De uma morena que vi;
Quiz desprender-me, era tarde,
Seu captivo me senti.

Pedi-lhe me désse amor,
Consentiu no que pedi.

Eram negros, côr da noite,
Os negros olhos que vi;
E tinham tal attracção
Que me prenderam a si.

Eram cadêas d'amor,
Pois captivo me senti.

Na terra não ha iguaes,
Digo eu... pois nunca os vi;
Eram olhos que fallavam,
Palavras que traduzi.

Que constante elles me fossem
Foi só isso que pedi.

Já não tenho outro Deus
Depois qu'esses olhos vi;
Rendi-lhes culto d'amores
E quasi que me perdi.

Eram olhos feiticeiros,
Os negros olhos que vi.

Desprendeu-me das cadêas
Que me ligavam a si,
Apesar de me vêr solto
Dos olhos não me esqueci.

Eram olhos feiticeiros
Os negros olhos que vi,
Quizeram por fim matar-me
E não sei como fugi!

Henriques Machado.

MODINHAS

SOLTA UM «AI» MEU CORAÇÃO

Quando de Jonia recebo
De amor a dôce expressão,
Exalta todo o meu peito,
Solta um — ai — meu coração.

Quando eu te vejo, ó bella,
Sinto uma viva emoção;
Minh'alma fica contente,
Solta um — ai — meu coração.

AMOR ME VIU, NÃO FEZ CASO

Amor me viu, não fez caso,
Zombou, cruel fementida;
Tendo um rival a seu lado,
Ingrata, roubou-me a vida.

Por Deus, que a vida é um sonho
Quando ellas nos sabe'amar;
Mulher que tanto adorei
Hoje me quer desprezar.

Mulher, por Deus eu te juro
Que ainda te tenho amor;
Se tu me fôres constante,
Eu serei teu trovador.

Por Deus, que a vida é um sonho—etc.

Mulher, por Deus eu te peço
Que não me dês um rival;
Tu és um anjo da terra,
És um anjo divinal.

Por Deus, que a vida é um sonho—etc.

SOLIDÃO

Para ser cantada com a musica da modinha — *Quando morrer, ninguem chore a minha morte*

É triste a solidão como nas mattas
Da casta pomba o solitario arrulho;
Como do céo as rotas cataractas
Ao som do mar em horrido marulho.

Sentado como em face de agonias
Tenho minh'alma a desfolhar lembranças;
Não sei que sorte vem coar meus dias
Por tantas dôres e por taes provanças.

Mãi da tristeza, socia das insomnias,
Noite e dia me segue a solidão;
E em suas difficeis acrimonias
Me cança o peito e azeda o coração.

Aqui de imagens bellas se povôa,
Alli de faxas negras se atavia;
E em vozes sepulchraes pavida echôa
Como assopros do vento em noite fria.

Se as portas matutinas vão-se abrindo
Á roxa aurora no horisonte em fogo,
Quem velou no silencio, a sós sorrindo,
Vai recebel-o ao nascimento logo.

Mas o silencio e a solidão que dura
Vem sempre o riso suspender-lhe em meio;
E o dia é triste como a noite escura,
Mesmo das rosas matinaes no seio.

O vôo altivo d'aguia, e icareas azas
Quizera eu ter para transpôr espaços;
Por que este peito que me arde em brazas
Fôra acalmado nos paternos braços.

A. C. Q. Peçanha.

BALLADA

A GENTIL CAROLINA

A gentil Carolina era bella
Como é bella nos campos a flôr;
Em seus olhos brilhava a innocencia,
Em seu peito o fogo de amor.

Aos encantos de lindo mancebo
Coração, alma e vida entregou;
Era d'elle, e sómente por elle,
Que seu peito de amor se abrazou.

Meia noite no bronze da torre
Gravemente o silencio occultou;
Pelos ares a briza rolando
De echo em echo o zunido levou.

Carolina, que as horas contava,
Meia noite! e murmura, estremece;
Lança os olhos além da janella,
Branca lua no céo apparece.

De improviso se ergue, abre a porta,
Sahe de casa tremendo medrosa;
Entre os vastos arbustos sósinha,
Move os passos, subtil, cautelosa.

Eis que indo a passar os canteiros
De repente, assustada, parou;
Um presagio sinistro de morte
Á sua alma opprimida fallou.

No jardim entre o basto arvoredo
Branca sombra suppõe a vêr além;
Quer fugir, mas fallecem-lhe as forças,
Mão gelada seus passos detem.

Quer gritar, morre a voz em seu peito,
Nem sequer soltar póde um gemido;
A final, dando passos, tropeça
N'um cadaver no chão estendido!

Grito horrivel lhe escapa do peito,
N'esse rosto que a morte embranquece...
N'esse corpo de sangue banhado,
Carolina o amante conhece!

A aurora raiando mais tarde
D'esse quadro de horror teve medo;
Dous amantes jaziam sem vida
No quintal entre o basto arvoredo.

E a gentil Carolina era bella
Como é bella nos campos a flôr;
Em seus olhos brilhava a innocencia,
Em seu peito o fogo de amor.

RECITATIVO

O ANJO DA PATRIA

Monarcha excelso que no solio és pai,
Astro fulgente, de teu povo guia;
Ante teu brilho que deslumbra o dia
O barbarismo titubía — cái.

A teu exemplo — que admira o mundo,
Erguem-se altivos do Brazil os bravos;
Treme o bandido que domina escravos
Com leis de ferro no seu antro immundo.

P'ra compensar-te não bastára o povo
Correr intrepido — affrontar a morte,
Morrer mil vezes — resurgir mais forte,
Por ti mil vezes succumbir de novo?...

Sim, que o monarcha que os carinhos seus,
Rouba á familia — vem ao povo dál-os,
É mais que um rei a dominar vassallos,
É mais que Cesar — só iguala a Deus.

Tu és um anjo pelo céo mandado
A esta terra do Senhor bemdita;
És divindade que o Brazil habita
P'ra preserval-o de maligno fado.

Recolhe as bençãos que o Brazil inteiro
Dos seios d'alma sobre ti derrama,
Que este povo, que seu pai te chama,
Vai demonstrar-te quanto é guerreiro.

E quando houvermos recolhido o louro
Que nos aguarda no sorrir da gloria,
Em aureas letras fulgirá na historia
Teu nome augusto, do Brazil thesouro.

A. J. de Sousa.

LUNDÚ

CONSELHOS ÁS MOÇAS

Menina solteira
Que almeja casar
Não cáia em amar
A homem algum;
Não seja notavel
Por sua esquivança,
Não tenha esperança
De amante algum.

Mereçam-lhe todos
Olhares ardentes,
Suspiros ferventes
Bem póde soltar;
Não negue a nenhum
Prostesto de amor,
A qualquer que fôr
Bem póde jurar.

Os velhos não devem
Formar excepção,
Por tanto elles são
Um grande partido;
Que em falta de moço
Fortuma elle faça,
Nunca foi desgraça
Um velho marido.

Ciumes e zelos,
Amor e ternura
Não será loucura
Fingida estudar;
Assim ganhar tudo
Moças se tem visto,
Serve muito isto
Antes de casar.

Contra os ardilosos
Opponha o seu brio,
Tenha sangue frio
P'ra saber fingir:
Em todos os casos
Sempre deve estar
Prompta p'ra chorar,
Prompta para rir.

Póde bem moça
Assim praticando
Dos homens zombando
A vida passar;
Mas se apparecer
Algum toleirão,
Sem mais reflexão
E' logo casar.

MODINHAS

SENTADO SOBRE UMA PEDRA

Sentado sobre uma pedra
Gozando a briza fagueira,
Só me lembrava de ti
Para minha companheira.

Vem cá, minha companheira,
Vem cá, minha linda flôr;
Tu tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dôr.

Juntinho de ti queria
Desfrutar os teus amores;
Quizera um brando volver
De teus olhos matadores.

*

Quizera mostrar-te quanto
O meu peito sabe amar;
Em cima da mesma pedra
Eu te queria abraçar.

Abraçar-te, sim, queria
Sobre o meu peito — dizendo:
Querido anjo, hei-de amar-te
Em quanto estiver vivendo!

O amor que te jurei
E' constante, é fé mui pura;
Este amor ha-de ir commigo
Descançar na sepultura.

Para mim, querido anjo,
Um só momento gozar-te,
Thronos, corôas daria,
Se um throno podesse dar-te.

Porém daria a minh'alma
Que mais do que um throno val',
Dar-te-hia minha lyra
Que tem um som perennal.

SONHOS FAGUEIROS

Quando dormires, sonha commigo
Sonhos fagueiros, sonhos d'amor;
Se assim sonhares commigo, ó virgem,
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo sonhos de amor,
Que eu sonharei comtigo, ó flôr.

Lembra-te, ó virgem, de quem te adora
Na dura ausencia do teu amor;
Sonha commigo, pois se sonhares,
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo — etc.

Quando sósinha tu meditares
Nas dôces provas do nosso amor,
Sonha commigo, pois se sonhares
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo — etc.

Um olhar terno, um riso meigo,
Em paga dá-me de tanto amor;
Que eu, já rendido p'los teus carinhos,
Sonharei comtigo, ó linda flôr!

Sonha commigo — etc.

CANÇÃO

O BARDO

Frio manto d'estrellas bordado
Vai a noite trajando no céo;
Cahe o orvalho nas azas da briza,
Que gelado entre as folhas morreu.

Na mansão dos finados divaga
Triste bardo com a lyra na mão;
Acha a campa que busca, sentado,
E disfere esta triste canção:

Tantos raios de luz lá no céo
E nenhum de esperança eu achei!
O cypreste e o goivo da campa
Foram restos de um bem que adorei!

Entretanto, aqui venho, debalde,
Alta noite teu nome invocar;
Chamam isto loucura na terra,
Mas eu chamo constante adorar.

Uns tem pranto chorado dos olhos,
Dentro d'alma chorado é o meu;
Pois não ha quem o venha enxugar,
Pois quem sabe é só Deus e sou eu.

Era cinza gelada por fóra,
E no centro vulcão a escaldar;
O oceano tranquillo na face
E no fundo revolto a bramar.

Em roupagem de neve abafado
Desce um anjo da etherea mansão;
Se é ella, foi Deus que a mandou
Me valer n'esta negra afflicção.

Lá se vai a visão com a nuvem,
Só não vai este meu padecer!
Justos céos! se meu mal não abranda,
Vezes mil eu prefiro morrer!...

E os echos saudosos ao longe
Repetiam por vezes — morrer;
Era o verbo final de seus labios
N'esta noite de horrivel soffrer.

E o sol da manhã descortina
Triste scena que faz compungir:
Um cadaver com a lyra no peito...
Era o bardo p'ra sempre a dormir!...

RECITATIVO

QUE VALE A VIDA?

Que vale a vida n'um viver d'enganos,
Crenças perdidas de porvir fallaz;
Que vale o mundo, se desdita amarga,
Saudades, prantos, o prazer nos traz?

Que valem risos, animadas fallas,
Que valem festas e prazeres ruidosos;
Se os tristes echos, amargor só dizem,
Se a alma esvai-se n'esses sons dolosos?

Que vale a vida se a existencia é peso,
Se as chagas d'alma só nos pungem dôres;
Se a esp'rança ás vezes nos afaga ainda,
Que vale amar-se sem gozar amores?

Que vale ao orphão que abandonado estava,
Uma opulenta habitação aberta;
Se o pobre albergue de seus paes, perdendo,
Tudo o que goza a caridade offerta?

Nobre soldado que defende a patria,
Porém na lucta vê a acção perdida;
E que forçado p'ra salvar-se... foge,
Perde a nobreza — de que vale a vida?

Ao criminoso que jazendo em ferros,
Dormindo sonha liberdade infinda;
Que vale o sonho, se ao despertar conhece
Que captiveiro continúa ainda?!

Que vale a vida n'um viver d'enganos,
Crenças perdidas de porvir fallaz;
Que vale o mundo, se desdita amarga
Saudades, prantos, o prazer nos traz?

Henrique Machado.

LUNDÚS

TENHO UM BICHO CÁ POR DENTRO

Tenho um bicho cá por dentro
Que me róe e está roendo;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho vai comendo.

São cousinhas dôces
Que fazem chorar,
Não mates o bicho
Que me quer matar.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz artes do diabo;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho encrespa o rabo.

São cousinhas dôces — etc.

Tenho um bicho cá por dentro
Que faz um tá tá tá tá;
Quanto mais afago o bicho,
Mais o bicho pulos dá.

São cousinhas dôces — etc.

MÃI BENTA

Coitadinho, como é tolo
Em cuidar que eu o adoro!
Por me vêr andar chorando,
Sabe Deus por quem eu choro!

Mãi Benta me fia um bolo,
Minhas candongas,
Não posso, senhor tenente,
Minhas candongas,
Que os bolos são de yá-yá,
Minhas candongas,
Não se fiam a toda a gente,
Minhas candongas,

Porque tem muitos temperos,
Minhas candongas,
Assucar, manteiga e cravo,
Minhas candongas,
E outras cousinhas mais,
Minhas candongas,
Bolinhos de qui-lê-lê,
Minhas candongas,
Ponto de admiração,
Minhas candongas,
Ó gente Manoé,
Minhas candongas,
Está quente, sinhá, bem quente.

Vossê se anda gabando
Que foi o que me deixou;
Póde ficar na certeza
Que muita cinza levou.

Mãi Benta me fia um bolo — etc.

ADEUS, ARMIA

Adeus, Armia,
Prenda querida,
Deixo-te a alma,
Entrego-te a vida.

De ti me aparto
Triste, saudoso,
Sou infeliz,
Sou desditoso.

Antes quizera
Perder a vida,
Do que deixar-te,
Prenda querida.

De ti me aparto — etc.

VAI, SUSPIRO, CHEGA AOS LARES

Vai, suspiro, chega aos lares
Da habitação mais ditosa,
Onde existe minha bella,
Minha Germana mimosa.

Assim que a vires
Volta apressado,
Vem dar alento
A um desgraçado.

A HORA QUE TE NÃO VEJO

A hora que te não vejo
É p'ra mim hora perdida;
Se vivo só a teu lado,
Como é curta a minha vida!

Que vida, que instantes,
Que breve existencia,
Que vida d'angustias
Passada n'ausencia!

COMO ÉS BELLA

Tu és bella como é bello
O despontar da manhã;
És linda como a bonina
Do jardim a mais louçã.

Tu és bella como é bella
Uma criança a sorrir;
Tu és linda como a rosa
Chrysalina, quasi a abrir.

Tu és bella como é bello
O roxo lyrio do val';
Do jasmim tens a brancura,
Da cecem és a rival.

Tu és bella como é bello
O céo azul estrellado;
És linda qual a florinha,
Nascida em florido prado.

Tu és bella como é bello
O matutino arrebol;
És bella como são bellos
Os resplendores do sol.

Tu és bella como é bella
Uma noite de luar;
És linda qual bella amante
Em seu terno delirar.

Das fadas tens os encantos,
Dos anjos tens a candura;
Tu és o ente mais bello
Que tem creado a natura.

M. J. de Almeida.

ANJO DE AMOR

Quando teus labios desprendem
Terno riso encantador,
Sinto quão dôce é-me a vida,
N'um teu riso, anjo de amor.

Sem ti são tristes meus dias,
Duro e penoso viver;
Junto a ti, preso em teus braços,
Gozar quero até morrer.

E' meu destino adorar-te,
Embora sejas perjura;
O meu amor não esmaga
A pedra da sepultura.

Os laços com que me prendes
Ainda mais quero apertar,
Não é crime, antes virtude
Firme sempre te adorar.

Póde o gelo do sepulchro
Tirar da vida o calor;
Mas d'um peito, firme amante,
Apagar não póde amor.

Venha a morte embora um dia
Sobre mim com seu furor,
Morto, extincto, em um sepulchro
Este peito terá amor.

RECITATIVOS

AMOR E MEDO

Quando te fujo e me desvio cauto,
Da luz de fogo que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
Meu Deus! que gelo! que frieza aquella!

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo;
E se te fujo é que te adoro louco:
És bella, eu moço, tens amor, eu medo.

Tenho medo de min, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me entumece os seios;
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que este vento que na varzea ao longe
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atêa.

Ah! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Tornára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra,
Chovesse embora paternal orvalho.

Ai! se te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amava todo o teu vestido branco,
Soltos cabèllos nas espaduas núas!..

Casimiro de Abreu.

A MORENINHA

Vem, moreninha, com teu bardo ao lado,
Vêr o dourado firmamento além;
Vem divagar por este mundo, cheio
De puro enleio e f'licidade—vem.

Vem, moreninha, não receies—não,
Que a solidão nos servirá de véo;
Quero em teu seio reclinado, virgem,
Contar-te a origem d'este amor do céo.

Caminha, virgem, porque tremes? calas?
Porque não fallas—gentil moreninha?
Dissipa o enleio que te faz medrosa,
E carinhosa vem dizer—que és minha.

Queres saber porque te amei, donzella,
Por entre aquella multidão que eu vi?
Foi porque ao vêr o teu semblante bello
Suave anhelo dentro em mim senti.

Trajavas galas, caminhando óvante,
Não mui distante do teu bardo, amei-te,
Gravei teu nome no meu pensamento,
E em tal momento meu amor sagrei-te.

Dize que és minha n'um sorriso puro,
Dá-me um futuro de prazer—d'encantos;
Que ás tuas plantas me verás curvado,
Enebriado por teus votos santos.

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

O NARIZ DE YÁYÁZINHA

Menina, faça o favor
De me dizer que lhe fiz?
Então porque quando eu passo
Vossê me torce o nariz?

Pois julga que sou
Algum *badaméco?*
Yáyá do meu peito
Eu sou seu boneco,
Gosto de vossê,
Por isso não pecco.

Eu sei que vossê namora
O seu priminho Luiz,
Mas isso não é razão
P'ra me torcer o nariz.

Pois julga — etc.

Desde o domingo que foi
Ouvir missa na matriz,
Eu lhe adorei, mas não vi
Vossê torcer o nariz.

Pois julga — etc.

Pois se acaso o meu rosto
É feio, tem côr de giz,
Tenha dó de mim, yáyá,
Não torça tanto o nariz.

Pois julga — etc.

Já tenho ataques de nervos,
E tambem um pleuriz,
Me cure — quebre o resguardo
No torcer do seu nariz.

Pois julga — etc.

Por tanto, minha yáyá,
Já que mal nenhum lhe fiz,
Me quebre os olhos com graça,
Mas sem torcer o nariz.

Pois julga — etc.

Gualberto Peçanha.

---

*

MODINHAS

—

ERA OUTR'ORA A MINHA VIDA

Era outr'ora a minha vida
Vida inteira que eu gozava;
Era o fresco alvor da aurora
Que no horisonte apontava.

Minha vida hoje se aparta
Da vereda da paixão;
Que nos mostra um só abysmo,
Que nos queima qual vulcão.

Que vida goza quem vive
Sem ser de amor dominado!
É feliz porque não traz
Alma e peito apaixonado.

Vive então como no céo
Os anjos, juntos de Deus,
Que não soffrem como eu soffro
Os tristes gemidos meus.

Como gemidos que sahem
De dentro do peito meu,
Como um triste, que não acha
Lenitivo ao pranto seu.

Perde a rosa o seu alento,
Tambem perde o seu candor;
Das flôres a mais querida
Que se dá ao terno amor.

Qual Veneza que se banha
No Adriatico gentil;
E' cidade da montanha,
E' princeza do Brazil.

Vinde, ó meu Deus, dar allivio
Ao meu triste coração;
O teu — sim — a minha vida,
A minha morte o teu — não.

COMO É PURO O DÔCE ORVALHO

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Ausencia*

Como é puro o dôce orvalho
Que dá vida ao terno galho
Da mimosa e pura flôr!
Como é puro o passarinho,
Que perdendo o caro ninho
Sente o peso do rigor!

Como é pura a viva estrella
Que no céo brilhando, bella,
Mostra graças e primor!

Como é pura a branca lua,
Desenhando a face núa,
Nos trazendo só amor!

Como é pura a virgemzinha
Que sorri, innocentinha,
Nos braços de sua irmã!
Como é puro os passarinhos
Despertarem nos seus ninhos,
Saudando a luz da manhã!

Como é puro esses anjinhos
Lá no céo, tão queridinhos,
Juntinhos do Creador!
Como é puro—da donzella,
Virginal linda capella,
O mais santo e dôce amor!

Adeodato Socrates de Mello.

EU QUIZERA SER ETERNO

Eu quizera ser eterno
Para teu amante ser;
Como eterno ser não posso,
Hei-de amar-te até morrer.

Menina, se eu não te amo,
Um passo não chege a dar;
A propria terra em que piso
Póde mesmo me faltar.

Ah! meu bem, se eu não te amo,
O Deus do céo não me escute,
Nem o sol me alumie,
Nem a terra me sepulte.

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

UM TERNO SORRISO

Um terno sorriso
De amor e saudade
Ainda te offerta
Quem tem-te amizade.

Que dôres, que angustias,
Que pranto exhaurido!
São lagrimas tristes
Que eu verto sentido.

Lá quando nos astros
O sol vem raiando,
Desperto no leito
Teu nome chamando.

Que dôres, que angustias — etc.

De todo o passado
Me vem a lembrança,
Contemplo esta sorte,
Me resta a esperança.

Que dôres, que angustias — etc.

Meu anjo do céo,
Attende a clemencia,
Ouvi minha voz,
Findai-me a existencia.

Que dôres, que angustias — etc.

RECITATIVOS

PENSO EM TI

Penso em ti com ardor intenso,
Tua lembrança minh'alma encerra;
Penso em ti, minha vida és tu,
Meu dôce bem, meu amor na terra.

Penso em ti como pensa afflicta
A pobre mãi que do filho ausente
Verte o pranto da saudade amarga,
Que su'alma opprime, que no peito sente.

Penso em ti como o rico aváro
Pensando véla nos thesouros seus;
Bem como elle receio perder-te,
Temo que roubem-me os carinhos teus.

Penso em ti como misero enfermo
Em triste leito pela dôr prostrado,
Pensa ancioso no suave allivio
Que gozar espera de soffrer cançado.

Penso em ti, como pensa em Deus
O desditoso que seus males chora;
Penso em ti com sublime affecto,
Com fervor constante de quem firme adora.

Penso em ti e esquecer não posso
Um só momento quem adoro tanto;
Penso em ti com paixão ardente,
Com extremos puros do amor mais santo.

Candida Isabel de Pinho Cotrim.

AGORA

Outr'ora da vida encantos gozei,
Vivi embalado em maga illusão,
Do escarneo ao amor diff'rença não via;
Gostoso perdia a luz da razão!

Momentos felizes passei venturosos,
Do céo divisei celeste visão,
Julguei-me ditoso, amei com ardor,
E em paga a perjura me dava traição.

Cedeu a meus rogos, fingiu mil promessas,
Esperanças fagueiras senti eu então:
Nas fallas mentidas que amor me jurava
Pensei impossivel que houvesse traição.

Julguei-a sincera, ludibrio enganoso!
Zombava de mim sem ter compaixão:
Se amor lhe jurava, traidora sorria,
Gostoso perdia a luz da razão.

Mas hoje descrente não penso mais n'ella,
D'amor dôce enleio perdi a illusão;
Conheço a differença d'amor ao escarneo,
Procuro socego p'ra meu coração.

Germano da Costa.

LUNDÚ

AS BEATAS

Yôyôzinho, vá-se embora
Que eu não gosto de brincar;
Não venha, com seus carinhos,
Minha reza atrapalhar.

Vossê quer perder minh'alma,
Vossê quer só m'enganar.

Vá-se embora, yôyôzinho,
Não me venha já tentar;
As boquinhas que me pede
Tenho medo de lhe dar.

Vossê quer perder minha'alma,
Vossê quer só m'enganar.

Não venha com seus abraços
Meus amores despertar;
Guarde tudo para logo,
Quando acabar de rezar.

Vossê quer perder minh'alma,
Vossê quer só m'enganar.

Tenho medo, yôyôzinho,
Basta já de me abraçar;
Não me dê tanta boquinha,
Que me póde atarantar.

Vossê quer perder minh'alma,
Vossê quer só m'enganar.

MODINHAS

PORQUE, Ó MORTE CRUEL

Porque, ó morte cruel,
Minha alegria roubaste?
Porque do filho que amava
Os tenros dias cortaste?

Sua innocencia
Não te moveu?
Ai! como é triste
O fado meu!

Gabriel Fernandes da Trindade.

TROVADOR

(TERCEIRA DEFEZA)

Trovador, o que tens? tu não soffres,
Bem fingida é a tua afflicção;
N'esse pranto que as faces te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher, a quem dizes que amavas,
Te tratou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é uma nuvem,
Qual o vento que a faz agitar?....
Não será o amor d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar?

Se o amor da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar,
O amor da mulher é estrella
Porque firme ha-de sempre brilhar.

O amor da mulher não é fragil,
Pequenino, adoudado batel;
O amor da mulher é constante,
Mesmo achando um amante infiel.

O amor da mulher é qual rosa
Que insensatos procuram colher;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette, não falta;
Se ella jura, ha-de a jura cumprir;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemplo só não, porém muitos,
Eu aqui poderia mostrar,
De que só a mulher sente amor,
De que só a mulher sabe amar.

Quando meiga se mostra a mulher
Com agrados, com ternos carinhos,
Um futuro lhe mostram de flôres
D'estas flôres que occultam espinhos.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras que sabem captar,
A mulher é um todo perfeito,
Se dinheiro ella tem a fartar.

A mulher tem feitiço nos olhos,
Diz o infame, cruel lisonjeiro!...
A mulher é um anjo no mundo,
Se elle vê que a mulher tem dinheiro!

O amor da mulher é tão firme
Quanto é firme o rochedo gigante;
O amor da mulher não se vende:
Ella, só, é quem ama constante.

UMA INGRATA, UMA INCONSTANTE

Uma ingrata, uma inconstante
Que eu amei mais do que a mim,
Uniu o ciume á saudade
Para aos meus dias dar fim.

Já que não posso
Nunca esquecel-a,
Mesmo trahido
Desejo vêl-a.

Cruel destino!
Céos, compaixão
P'ra um desgraçado,
Morte ou perdão!

Para amar sómente a ella
Infeliz ao mundo vim,
Ao mundo veio a tyranna
Para aos meus dias dar fim.

Já que não posso—etc.

Anjo na voz e apparencia
Tambem a julgava assim,
Mas ella tornou-se fera
Para aos meus dias dar fim.

E que não seja
Meu peito igual,
Ainda suspiro
Por monstro tal.

RECITATIVO

ESCUTA...

Se para amar-te fôr mister martyrio,
Com que delirio saberei soffrer!...
Se d'altas glorias fôr mister a palma,
Talvez minh'alma possa além colher.

Quebrar cadêas, conquistar um nome
Que não consome o perpassar das eras!
Arcar co'as furias de iracundos nortes,
Soffrer mil mortes sem morrer devéras!...

Nas proprias carnes apertar cilicios,
Nos sacrificios, ter sereno rosto;
Pisar descalço sobre espinhos duros
Com pés seguros, com signaes de gosto!...

Longe da patria, no paiz mais feio,
Do tedio em meio por amar-te irei;
Viver, embora, sob a zona ardente,
E alli contente por te amar serei!

E a ser amado, se fôr mister o incenso
Que sobe denso dos salões aos tectos,
Serei altivo!... Não irei de rastos,
Com labios castos, mendigar affectos.

E se me odeias por não ir ás salas
Dizer-te as fallas de immortal paixão;
E aos olhos de outrem, profanando extremos,
Dizer-te—amemos—, apertar-te a mão;

Dá-me teu odio, que eu não quero, escuta,
Beber cicuta procurando mel!...
Dá-me teu odio, mas em grau subido,
Embora ungido de amargoso fel!...

Dá-me teu odio, por fatal sentença,
A indifferença me será peor;
Que um sentimento por mim sintas n'alma,
Dá-me essa palma de soffrer melhor!...

Dr. Pedro de Calazans.

LUNDÚ

A QUEBRA DOS BANCOS

ra ser cantado pela musica do lundú—*Espanta o grande progresso*

Tudo anda em reboliço
Cá pela nossa cidade,
Ha cousinhas que amedrontam,
Temos grande novidade:

Corre ahi de bocca em bocca
Que o nosso grande banqueiro
Fez sciente a seus credores
Que não tinha mais dinheiro.

Todos lastimam
Em cada canto,
Vertendo pranto
Amargurado:
Por ter guardado
O seu dinheiro
Com o banqueiro
Tão conhecido,
Vivem agora
Em agonias,
Chorando suas
Economias.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Apenas se divulgou
Tal noticia na cidade,
Ficou quasi que maluca
Da população — mètade:
Viu-se grandes e pequenos
Andar em passo de cão,
Tudo fallava e gritava,
Houve grande confusão.

Todos lastimam — etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Viu-se na rua Direita,
Em frente á casa bancaria,
Gente bem e mal vestida,
Podendo chamar-se vária;
Os soldados da policia
D'espadas desembainhadas,
Iam dispersando o povo
A poder de cutiladas.

Todos lastimam — etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Chorava o pobre carreiro,
Chorava o negociante,
Grande alarido fazia
Das ruas o mendicante;
Pois até mesmo os mendigos
Sem que comer — exhauridos,
Diziam, para se ouvir,
Que tinham vales perdidos.

Todos lastimam — etc.

*

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Já se deixa vêr então
Que no mundo não ha pobres,
Pois os mais necessitados
Tinham junto bem bons cobres;
Mudaram-se então as scenas,
Os ricos ficaram pobres,
Os pobres são ricos hoje,
Pois trazem comsigo os cobres.

Todos lastimam — etc.

Tenham calma e paciencia,
O medo desvanecendo,
Porque se vai proceder
A um total dividendo.

Gualberto Peçanha.

MODINHAS

NÃO TE ESQUEÇAS, MARILIA, DE MIM

Chega a hora da minha partida,
Adeus, anjo, adeus, cherubim;
Em minh'alma tu vaes retratada,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando a lua
Clarear no celeste jardim;
Quando as trevas da noite offuscarem,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando a rosa
Des'brochada, murchar no jardim;
Quando a rôla no bosque cantar,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando vires
A açucena e o bello jasmim;
Quando o triste cypreste encontrares,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando a aurora
Vem tingir-se de branco e carmim;
Quando o sol expirar no occaso,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, quando, ao longe,
Escutares lamentos sem fim;
Quando á lyra algum triste chorar,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

Não te esqueças de mim, que te adoro,
Que padeço tormentos sem fim;
Já que a sorte nos quer separar,
Não te esqueças, Marilia, de mim.

MEUS GEMIDOS SOLTO EM VÃO

Modinha tirada da opera *Lestocq,* arranjada por J. M. S. R.

Meus gemidos solto em vão,
Meus olhos são duas fontes,
Os meus ais rompem os ares,
Mas respondem só os montes.

Minha Analia já não vive,
Ai! que dôr, ai! que tormento!
Vem, ó morte, finalisa
Minha vida n'um momento.

Desde que os ternos afagos
De Analia roubou-me a impía,
Meus dias foram votados
Á cruel melancolia.

Minha Analia já não vive—etc.

De seu trato os sãos prazeres
Em vão minh'alma procura,
Só um tumulo me responde :
« Aqui jaz tua ventura. »

Minha Analia já não vive — etc.

DESEJO A VIDA ACABAR

Muitas vezes eu procuro
A saudade disfarçar,
Mas como allivio não tenho
Desejo a vida acabar.

Eu procuro a solidão
P'ra allivio do meu penar;
Mas como allivio não tenho
Desejo a vida acabar.

QUANDO AS GLORIAS QUE GOZEI

Quando as glorias que gozei
Vou na idéa revolver,
Sinto á força da saudade
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Dôces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Encantos que já não gózo,
Mas que não posso esquecer,
Fazem dos meus olhos tristes
Meu triste pranto correr.

Os que já tive — etc.

Eu bem sei para que amor
Me quiz ditoso fazer:
Foi para vêr de continuo
Meu triste pranto correr.

Os que já tive — etc.

DEPOIS QUE TE DEI MINH'ALMA

Depois que te dei minh'alma
Só vivo um'hora no dia;
Mas hoje nem gozar pude
De um momento de alegria.

Só, ó Lilia, nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar, um'hora,
D'ausencia o tempo perdido.

RECITATIVOS

NÃO TE LAMENTO

Lamentem outros muito embora, virgem,
Na fria campa que teu corpo encerra,
Eu não, não choro teu perdido amor,
Porque minh'alma não se prende á terra!

D'immensos gozos que na terra existem,
Soffri immensas, cruciantes dôres;
Da primavera em juventude amena
Brotaram murchas na minh'alma as flôres.

Vi uma a uma desfolhar-se todas,
Sem que da vida as bafejasse o sol!
Foi manhã triste, despontou sem aura,
Tornando escuro o vívido arrebol!

Vi-te na senda de minha vida escura,
Senti o iman que me attrahia a ti;
Quiz de teus olhos receber a luz,
Tornei-me alegre de prazer—sorri.

Déste-me luz, ainda mais, amores,
Dias fagueiros de porvir ditosos;
Porém a morte te roubou, tyranna!
Quando da vida começava os gozos.

Era forçoso, era a sorte minha,
Não gozar nunca da existencia as flôres;
Na senda immensa de minha vida escura
Trilhar espinhos, e perder amores!

E desde então a minha alma triste,
Longe da terra, na região immensa,
Vaga sósinha, solitaria e louca,
Esquece a vida de soffrer intensa.

Lamentem outros muito embora, virgem,
Na fria campa que teu corpo encerra,
Eu não, não choro teu perdido amor,
Porque minh'alma não se prende á terra!

Henrique Machado.

ATTENDE, Ó VIRGEM!

Attende, ó virgem, de minh'alma as fallas,
Meus rudes cantos, sem expressão, sem côr;
Elles exprimem um sentir immenso,
Soffrer intenso d'extremoso amor!

Se amor é chamma que devora e queima,
Loucos nos torna nos matando em fim,
E' pura chamma o que sinto n'alma,
Attende, ó virgem, eu te amo assim.

Se crês mentidas as palavras minhas,
S'inda tão joven tu já és descrente;
Sou desgraçado, pois frustradas vejo
Crenças fagueiras que minh'alma sente.

Attende, virgem, meu amor é puro,
Terno, sincero, como nunca amei;
Digas embora n'um sorrir descrente
Que amando tanto inda não jurei.

Não juro, virgem, perjurar não quero,
A santa crença que minh'alma inflamma;
Temo que um dia ao teu rigor vencido
Venha a descrença extinguir-me a chamma.

Escuta, pois, de minha alma as fallas,
Meus rudes cantos de tristeza e dôr;
Torna meus dias de porvir ditosos,
Vem dar-me a palma de teu puro amor.

Germano da Costa.

LUNDÚ

O TELLES CARAPINTEIRO

Sabes o que aconteceu
Ao Telles Carapinteiro?
Para Santa Philomena
Dispôz-se a pedir dinheiro!

E sem tirar a licença
Da camara municipal,
Se viu bem apertadinho
Pelos guardas do fiscal.

O Telles tanto envolvido,
Com ópa e bolsa na mão,
O fiscal disse a seus guardas:
«Tragam cá esse ermitão.»

O Telles assim que ouviu,
No coração sente dôr;
Apressando mais os passos
Metteu-se n'um corredor.

A ópa logo tirou
E com a Santa envolveu,
Embrulhou tudo n'um lenço;
Quem vai-se embora sou eu.

Nada, nada, senhor Sousa,
N'outra não torno a cahir,
Que sem tirar a licença
P'ra Santa não vou pedir.

Puxando pela boceta
O Telles toma tabaco;
Olhando para dous guardas,
Oh! que caras de macaco!

Milagre que a Santa fez
Pela minha devoção,
Livrou-me de eu ser preso,
De pagar condemnação.

Triste cousa é ser-se pobre,
Viver sujeito, enganando;
Quando mal se não precata
'Stá na cadêa brincando.

Esta Santa Philomena
É uma Santa mui bella;
Mas sem tirar a licença
Não torno a pedir p'ra ella.

MODINHAS

JÁ NÃO POSSO VIVER MAIS NO MUNDO!

Musica da modinha — *Lá n'aquelle gigante de pedra*

Já não possso viver mais no mundo!
São meus dias de pranto e de dôr;
Vem, ó parca, cortar-me a existencia,
Vem pôr termo da sorte — ao rigor!

Tive infancia feliz e ditosa,
Foi-me leda, bem n'ella gozei;
Depois, entes que muito prezava,
Deus chamou-os! Oh! muito chorei!

Ai de mim, tão sósinho que sou!
Já não posso viver mais no mundo;
Vem, ó parca, ceifar os meus dias,
Deixarei de viver gemebundo!

Quero eu vêr se terei lenitivo
P'ra meus males — da tumba no fundo;
Que me serve viver afflictivo?
Já não posso viver mais no mundo!

F. P. Lisboa.

FOSTE FALSA HONTEM A NOITE

Bem sabia eu que vivia
N'este mundo só por ti;
Era tua a minha vida
Desde o dia em que te vi.

Foste falsa hontem a noite,
Meu rival eu conheci,
Que conversavas com elle
Não me negues, eu bem vi!

Bem sabias que eu vivia
Dia e noite a suspirar,
Esperando aquella hora
De te vêr e te fallar.

Foste falsa hontem a noite—etc.

Eu bem sei que tu tens outro
A quem tu tens mais amor,
Mas eu sempre vou bebendo
Negro calix de amargor.

Foste falsa hontem a noite—etc.

Arrastando estas correntes
Pelas ruas da cidade
Nunca achei tamanho peso
Como a tua falsidade.

Foste falsa hontem a noite—etc.

F. P. Cysne.

RECITATIVO

ESCUTA!

Escuta, donzella, a voz do cantor
Que louco de amores só chama por ti;
Escuta, donzella, escuta, eu te peço,
Não fujas, não negues, coraste, bem vi...

Eu vi, eu bem vi, não negues, donzella,
Eu vi tuas faces cobertas de pejo;
Ficaste tão bella qual rosa no prado
Recebe das brizas o candido beijo.

Não fujas, donzella, do pobre cantor
Que ebrio de amores só geme e suspira;
Não fujas, meu anjo, ao menos escuta
As pobres estrophes que solta esta lyra.

As negras madeixas de finos cabellos
Nas costas cahiam da virgem esquiva,
E ella corria sem mesmo lembrar-se
Que aqui a minh'alma ficava captiva.

Então já cançada de tanto correr
Parou e sentou-se bem junto da fonte,
Depois, feiticeira, sorrindo eu bem vi
Nas niveas mãosinhas pousares a fronte.

Nas niveas mãosinhas a fronte pousaste,
Nos labios um riso te veio brincar,
Arqueja-te o collo, e eu, em delirio,
Teus labios não cesso sequer de beijar.

Escuta, donzella, a voz do cantor,
Que louco de amores só chama por ti;
Não fujas, te peço, ó virgem esquiva,
Ao furto de um beijo coraste — eu bem vi.

Garcia Mascarenhas.

CANÇÃO

MINHA MÃI!

Minha mãi, hontem no baile
Um poeta me tirou,
Me chamou seu branco lyrio,
Açucena me chamou;
Disse cousas tão bonitas
N'essas fallas que fallou...

Diga, diga, mamãsinha,
Quando ao baile voltará?
Mude em pasta minhas tranças,
Minha mãi, consentirá?
Eu já tenho treze annos,
Já não posso ser yáyá.

Eu já bordo, marco, canto,
E eu já danço tambem,
Os folgedos infantis
P'ra mim nenhum prazer tem;
Já não quero vestir calças,
Leio versos muito bem.

Estes meus vestidos curtos
Póde dál-os á sinhá,
Qu'eu já 'stou muito crescida,
Já entendo o sabiá;
Eu já tenho treze annos,
Já não posso ser yáyá.

Quando ouço o primo Juca
A gemer no violão,
Como a folha do coqueiro
No cahir na viração;
Eu não sei que sinto n'alma,
Dóe-me tanto o coração!...

RECITATIVO

NÃO TE POSSO AMAR

Perdão, donzella, se te amei com ancia,
Se ousei na infancia meu amor te dar:
Nasci na plebe, tu nasceste nobre,
Tu—rica, eu—pobre: não te posso amar!

Vi-te tão bella no sophá cahida,
Cheia de vida, palpitante o seio:
Louco, adorei-te por te vêr, querida,
Co'a mão pendida do regaço ao meio.

Vi-te dormindo; teu vestido solto,
Branco, revolto, descobria a meia:
De amor ardendo, quiz beijar-te, ledo:
Mas... tive medo da gentil sereia!

Quero adorar-te, te sagrar um culto
Inda que occulto no febril desejo:
Quero estreitar-me nos teus niveos braços,
Por entre abraços te imprimir um beijo.

Pequei, donzella, por te amar, perdido:
A meu gemido teu desprezo déste:
Não te envergonhes de alentar o pobre;
Que o pobre é nobre na mansão celeste.

*

Plebeu ousado, me esqueci, archanjo,
Que para o anjo não devêra olhar:
Não me condemnes; meu arrojo encobre;
És rica, eu pobre: não te posso amar!

Genuino Mancebo.

MODINHA

SOBRE AS AGUAS DO MAR

Musica da modinha — *Mal te vi eu te amei*

Eu já vi sobre as aguas do mar
Balançar-se uma rosa em botão,
Vi-lhe abrir o mimoso embryão,
Poucas horas depois desfolhar.

Uma a uma as folhinhas cahindo
Lá se foram nas aguas boiando;
Orphãsinha a roseira viçando,
Pouco a pouco se foi consumindo.

E ao cabo d'um anno voltei,
Já estava a roseira viçosa,
Já pendia outra vez uma rosa,
Que tambem no botão enxerguei.

Eis que morre, ella vem renascer
Cada flôr sem que mude d'essencia;
Só a rosa de humana existencia
Duas vidas não póde viver.

Cada folha, que ao pégo cahir,
Cáia ao menos sem mancha e viçosa,
E nadando na vaga espumosa
Não se possa jámais submergir.

E o perfume que assim se exhalar
D'essas puras folhinhas da vida,
Vá, deixando a terrestre guarida,
Nossas almas no céo aguardar.

LUNDÚ

O CAFUNÉ

Musica de J. L. de Almeida Cunha

Eu adoro a uma yáyá,
Que quando está de maré,
Me chama muito em socego
P'ra me dar seu cafuné.

Que geitinho que ella tem
No revivar dos dedinhos!
Fecho os olhos e suspiro
Quando sinto os estalinhos.

Mas quando zangada está,
Raivosa me bate o pé,
Me *chinga,* ralha commigo
E não me dá cafuné.

Não sei então o que faça,
Mesmo fazendo carinhos
Ella entre meus cabellos
Não passa mais seus dedinhos.

Um dia zangou-se toda
Por vir cheirando a rapé;
Me chamou de volho e velho,
E não me deu cafuné.

Brigou commigo devéras;
Mas passada a raivasinha,
Me offertou cheia de encantos
Uma linha bocetinha.

Que boceta tão mimosa!
Dos pares emblema é;
Quando sorvi a pitada
Deu-me ella um cafuné.

Ah! que gosto que eu senti
Na boceta do rapé!
Encontrei o melhor meio
De ganhar meu cafuné.

E. Villas-Boas.

MODINHA

PELO CIMO D'AQUELLA ALTA SERRA

Musica da modinha — *Gigante de pedra*

Pelo cima d'aquella alta serra
Que se diz da Tijuca chamar,
Para allivio da dôr que me aterra
Vivo só por alli a vagar!

Testemunha, alto monte, tu és,
Dos meus ais e sentidas endeixas,
Quando ahi d'essas arvores aos pés,
Sento-me e faço ouvir minhas queixas!

Pela ingrata, que ousou desprezar
Os meus brios d'amante fiel,
E da taça me faz esgotar
Té a ultima particula de fel.

Oh! não posso soffrer jámais, não;
Soffrer tanto no mundo agras dôres!
Jaz oppresso este meu coração,
São meus dias de magoa e de horrores!

Quero aqui, ó Tijuca, findar,
N'este chão para sempre cahir;
Aqui só é que a devo acabar,
Só aqui, deixarei de existir!

Jámais deves contar minha morte
Á ingrata, por quem padeci,
Que, no mundo, por ella sem norte,
Já vaguei, e acabar vim aqui!

Só a aurora, quando no Oriente
N'altas nuvens, risonha mostrar-se,
Testemunha será d'este ente
Que de amores, quiz cedo finar-se.

Pelo cimo d'aquella alta serra
Que se diz da Tijuca chamar,

Para allivio da dôr que me aterra,
Vivo só por alli a vagar.

F. P. Lisboa.

RECITATIVO

PERDÃO!

Tu foste a rosa purpurina e bella,
Eu fui procella que do inferno vim;
Rojei-te as folhas pelo chão cahidas,
Que hoje, erguidas, vem sorrir de mim!

Era n'um baile,—inda bem criança,
Cheia d'esp'rança lá te vi folgar;
E logo um riso de teu labio puro,
Eu quiz perjuro, para mim roubar.

Eras tão linda! teu olhar de virgem,
Louca vertigem me causou d'amor;
Mas eu, cobarde, te feri com calma,
Roubei-te d'alma a candorosà flôr!...

Pobre criança! teu amor primeiro,
Vieste inteiro me offertar novel;
E nem prevías que na taça pura
Minh'alma impura te lançava o fel!

Cynico, infame, a victimar afeito,
Da flôr do peito te roubei o olôr!....
E nem pensava que mais tarde, um dia,
Chorar viria de remorso e dôr!

Meu vil cynismo no teu riso insonte,
Viu o horisonte da mais bella tarde;
Hoje minh'alma de chorar s'inflamma
Na dura chamma que em meu peito arde!

Quantos phantasmas! que visão errante
A todo instante me persegue, oh! sim!...
O' Deus! livrai-me da tyranna lida,
Tirai-me a vida que jámais tem fim!

Perdão, meu anjo, se roubei-te a calma,
Se as flôres d'alma te rojei ao chão;
Perdão, meu anjo, se fui louco um dia,
Perdão, Elmira, para mim, perdão!

Tu foste a rosa purpurina e bella,
Eu fui procella que do inferno vim;
Rojei-te as folhas pelo chão cahidas,
Que hoje erguidas vem sorrir de mim!

O. S. Mello.

MODINHAS

UNS OLHOS TÃO MATADORES!

Uns olhos tão matadores
Inda não vi em ninguem,
Como aquelles que volviam
No rosto de um terno bem.

Eram tão bellos, tão vivos
Nos eixos sempre a mover,
Que por elles n'este mundo
Eu só quizera viver!

No rosto terno, risonho
Tão buliçosos, tão bellos!
Que já captivo eu sentia
Me vendo preso em seus élos.

Minh'alma presa e captiva
Sómente os queria amar,
Eram tão vivos, tão bellos
Sempre a mover sem cessar.

Sorria, que riso santo
D'esses seus labios fugia!
Olhava, que olhares ternos
Me lançar, sorrindo eu vi-a.

Eram tão bellos, tão vivos
Nos eixos sempre a mover,
Que por elles n'este mundo
Eu só quizera viver!

Oliveira Fernandes.

DE TEU ROSTO UM GESTO BELLO

De teu rosto um gesto bello,
N'um teu olhar, dôce riso,
E' p'ra mim a flôr mimosa,
Tem no céo o paraiso!

As roseiras vão seccando,
Suas folhas vão cahindo,
Assim faz o triste amante
Quando ausente está dormindo!

Eu te peço, ó minha bella,
Que não deixes de me amar,
Tendo dó d'este cadaver
Que não póde te deixar.

A dôr que meu peito sente
Só tu pódes acabar,
Teus lindos olhos defendam
Se algum me quizer matar!

RECITATIVO

PEREGRINA IMAGEM

Porque me foges, peregrina imagem?
Porque torturas a minh'alma afflicta?
Não vês que choro de soffrer teu odio
Que mais ardente meu amor incita?!

Porque desvias esses olhos languidos
Dos meus que anceiam se revêr nos teus?
Porque emmudeces quando fallo e peço
Perdão, desculpa dos delirios meus?!

Porque constante teu olhar furtivo,
Surprehendo, ás vezes, a fixar-se além?
Porque reclinas pensadora a fronte?
Porque suspiras, sem amar ninguem?

Porque recusas ao piano, oh Diva,
Que volte as folhas do Nocturno ou Canto,
Dizendo altiva: — « Não lhe dê cuidado,
« Não se incommode; não mereço tanto?»

Ou se eu insisto no almejado intento,
Mordendo os labios, a corar-te o rosto,
Porque murmuras ao voltar-me as costas;
—« Sinto viesse a me massar disposto?!»

Depois... deitando-me um olhar d'aquelles
Que enleiam, matam um feliz mortal,
Sorrindo dizes m'estendendo a mão:
—« Não se amofine, que não fiz por mal? »

Se persistires n'esta fórma excentrica
De torturares a minh'alma ardente,
Hei-de humilhar-te, revelando a todos
Que o teu orgulho meu amor consente!

Octaviano Hudson.

CANÇÃO

EULINA

Eulina, pedes que eu conte
O segredo de minh'alma?
Queres tu que eu te aponte
Minha dôr?
E pódes tu, meiga flôr,
Dar-me de ti—dôce calma?!

Pois ouve, Eulina, querida:
E' bem triste o meu viver:
Em contínua e crua lida
N'este mundo,
Sempre vivo gemebundo,
Sem alegre jámais ser.

Dir-me-has: « Qual é a causa? »
Dir-te-hei: « Tu saberás»,
Não faço minima pausa,
Responderei;
Mui fiel eu te serei,
Lealdade em mim verás.

Póde vir, Eulina, um anjo
Os meus males terminar;
Póde, sim, vir um archanjo
Dar conforto
A quem se julga já morto,
Prestes na campa a tombar!

Serás, pois, o anjo, Eulina,
Meu coração é quem diz;
Quem déra vêr-te, menina,
A meu lado,
Ficaria eu consolado,
Meu viver era feliz!

F. P. Lisboa.

LUNDÚ

PERDEU-SE A CHAVE!

Perdeu-se a chave!
Quem havia tal dizer!
Uma chave como aquella
Nunca mais eu hei-de ter.

Perdeu-se a chave!
Como hei-de contas dar
A meu bem, quando de noite
Me pedir para lh'a dar?

Perdeu-se a chave!
Ah! meu Deus, que confusão!
Annunciei no *Jornal,*
Mas noticias não me dão.

Perdeu-se a chave!
Não me fazem outra igual;
Era chave de segredo
Com certa mola real.

Perdeu-se a chave
Que trazia na cintura;
Seu Mané quando vier
Pintará a — saracura.

Perdeu-se a chave
Já gastei um dia inteiro
A procurar pela sala,
P'lo quintal, p'lo gallinheiro!

Perdeu-se a chave
Que fechava o gavetão!
Tenho o *puff* lá trancado,
Oh que grande entalação!

Perdeu-se a chave
Quando vim de Cascadura;
Para entrar dentro de casa
Arrombei a fechadura.

Perdeu-se a chave
Lá na rua do Aterro;
Quero outra semelhante,
Não fazem do mesmo ferro.

Perdeu-se a chave,
Chavinha como não ha!
Dava duas e tres voltas,
Ao sahir fazia: — tá!

Perdeu-se a chave!
Outra igual não ha quem faça:
Em Milão, na Noruega
No Japão, mesmo em Mombaça.

Perdeu-se a chave!
Chorarei por ella um anno;
Foi forjada pelos Cyclopes,
Por mando do deus Vulcano.

F.˙P. Lisboa.

MODINHAS

A MOÇA SOLTEIRA

Toda a moça solteira que cora
Quando os moços lhe querem fallar,
E' signal evidente que a cuja,
Acreditem, leitor — quer casar.

Quando virem qualquer uma moça
De manhã o cabello enfeitar
Com trancinhas, pôr flôres no *coque,*
Acreditem, leitor — quer oasar.

Quando virem á tarde uma bella
A' janella se ir reclinar,
Dando risos a todos que passam,
Acreditem, leitor — quer casar.

Quando virem a mesma n'um canto
Sem motivos haver a chorar,
Não procurem saber qual a causa,
Pois a mesma o quer é casar.

Quando virem qualquer uma d'ellas
De qualquer um rapaz desdenhar,
E' signal que ella gosta do cujo
E desdenha porque quer casar.

Quando virem na rua uma moça
Procurando affectar o andar,
D'este modo mostrando-se airosa,
Digam logo: — «an... an... quer casar.»

Quando virem qualquer uma moça
Pós de arroz no semblante lançar,
Occultando com elles mil sardas,
A razão pela qual... é casar.

Quando virem n'um baile uma moça
Com um moço sómente dançar,
Podem crêr que é namoro ferrado,
Cujo fim, realmente, é casar.

Qualquer um movimento da moça
Isto é (no meu fraco pensar),
Eu traduzo, queridos leitores,
Por desejo tão só de casar.

Quando virem com olhos quebrados
Mil suspiros deixando escapar,
E dizer: — «Eu estou mui doente»,
Tudo é falso, leitor, quer casar.

João Gualberto de Queiroz Peçanha.

RECORDAÇÕES DO PASSADO

Musica da modinha — *Por entre as trevas da noite*

Vai além, meu pensamento,
Divagando sempre incerto,
Qual divaga sem ter rumo
O viajor no deserto.

Assim meu peito em delirio
Soffre cruel desventura:
Por penhor tem a tormenta,
Por descanço a sepultura!

Hoje, eis-me sempre soffrendo
Da avára sorte as torturas;
Por fanal tenho o martyrio,
Por penhor as amarguras!

Assim, meu peito em desdita
Tem desde o berço só dôres;
Soffrendo sempre na vida
Os mais crueis dissabores.

Sempre a lidar n'este mundo
Curtindo tantos rigores,
Ao luctar co'a dura sorte
Vê-se o mortal entre dôres.

Acabou-se o tempo amigo
D'essa idade florescente,
Em que brincando sorria
Sem ter pezares na mente.

A. C. d'Oliveira Fernandes.

CANÇÃO

O SOMNO

O' somno! ó noivo pallido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pampanos,
Na branca fronte enrolas
As languidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitarias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
C'um dedo sobre os labios
No vôo silencioso,
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do misero!
Consolação do afflicto!
Descanço do precíto,
Que sonho a vida em ti!
Quando a cidade tetrica
De angustia e dôr não geme...
E' tua mão que espreme
A dormideira alli.

Em tua branca tunica
Envolves meio mundo...
E' teu seio fecundo
De sonhos e visões,
Dos templos aos prostibulos,
Desde o tugurio ao paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de illusões!...

Da vida o somno rábido,
Do *hatcchiz* a essencia,
O opio, que a indolencia
Derrama em nosso sêr,
Não valem, genio magico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo do viver...

O' somno! Unge-me as palpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abraza o craneo meu:
Como o pastor da Arcadia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as petalas
Do lyrio, que pendia,
Chorando á luz do dia
C'os raios do arrebol,
Tambem fecha-me as palpebras...
Sem *ella* o que é a vida?...
Eu sou a flôr pendida
Que espera a luz do sol.

O leito das euphorbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
O' Deus consolador
Com teu divino balsamo
Cala-me a anciedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dôr.

Mas quando, ao brilho rutilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me subito...
E' minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
E' minha amante emfim!

O' somno! O' deus noctivago!
Dôce influencia amiga!
Genio que a Grecia antiga
Chamava de Morpheu.
Ouve!... e se minhas supplicas
Em breve realisares...
Voto nos teus altares
Minha lyra de Orpheu!

Castro Alves.

RECITATIVOS

LÁ NOS PALMARES

Junto aos palmares no correr da tarde
Eu te vi bella e seductora ahi!
Já não te lembras d'esse tempo findo,
Quando teu rosto me sorria alli?

Quanta belleza não te ornava a fronte
Que ao contemplal-a me causou paixão!
Louco em mirar-te me perdi um dia,
Eu quiz fallar-te e me disseste —não!

— Não é possivel, minha mãi nos vê:
Se eu aqui fosse vos fallar acaso!
Deixai-me só e por favor nest'hora,
Antes que venha pôr-se tudo em raso...

Meu Deus! que é isto que acabei de ouvir
N'este momento que o prazer dilata?
Tive em resposta que me fosse embora...
Talvez que a visse a pertinaz *barata!*

Quem sabe, acaso, se não houve arrufos,
Por minha causa co'a menina, hein?...
Louco, ancioso por saber que é isto,
Quasi que estalo de paixão tambem!

Talvez que o velho de rabugem cheio
Tivesse alguem que lhe contasse o caso!...
E minha amada temerosa agora
Teme que o cujo ponha tudo em raso!...

A noite é bella, mas a arage' é forte,
Eu já tirito, mas d'aqui não fujo!...
Hei-de apanhal-a no meu geito, e então
Ella dirá o que souber do cujo!...

Lá nos palmares no correr da tarde
Eu a vi bella e seductora ahi!
Sempre a esperava impaciente á sombra
D'esses olmeiros que florescem alli!

A. C. d'Oliveira Fernandes.

VISÃO

Era de noite, despontava a lua,
De face nua, a derramar fulgôres;
Vi-a scismando lá na varzea, a medo,
O seu segredo confiando ás flôres.

Timida onda a se quebrar desmaia,
Na branca praia a soluçar defronte;
E a dôce briza a respirar saudosa,
Vinha medrosa bafejar-lhe a fronte!

Era tristonho como a flôr sem vida,
Murcha, perdida do hastil mimoso;
Nas brancas vestes, o seu niveo seio,
Em dôce enleio palpitava ancioso...

Louco, em delirio, quiz beijar-lhe as plantas,
E phrases santas lhe fallar a medo;
Mas ella esquiva, para os céos voando
Foi, me deixando seu fatal segredo!

Tudo apagou-se!... foi um meigo sonho,
Dôce, risonho, que eu sonhei, d'amor;
Era a neblina que pairava airosa,
Sobre uma rosa que se abria em flôr.

O. S. Mello.

INDA DUVÍDAS?

Tu, hontem, virgem, perguntaste, tremula,
Muito baixinho: — se te tinha amor;
Depois coraste... abaixaste os olhos...
Inda mais bella tu ficaste, ó flôr!...

Ao vêr-te linda, enrubecida e tremula,
Eu senti logo uma febril vertigem...
E exclamei com divinal transporte:
— « Tu me perguntas se te amo, virgem?!... »

Pois tu não sentes, minha flôr mimosa,
Não vês meu peito palpitar constante?
Não ouves fallas de um amor ardente?
Não ouves votos a cada um instante?

Não comprehendes meus olhares ternos?
As minhas phrases a teus pés cahidas?
Tu bem conheces que o que eu trago n'alma
E' este amor; e... inda tu duvidas?!...

Inda duvidas d'este amor tão puro
Que eu te dedico, minha joven bella?...
Pois não te disse eu, que o meu desejo
Era levar-te á divinal capella?

QUAL SEMPREVIVA

Qual sempreviva que se ostenta bella,
Tu és, donzella, d'essa flôr—retrato;
Como é tão bello o teu porte altivo
E como é vivo teu olhar tão grato!...

Tu és tão linda como a fresca rosa
Toda cheirosa por manhã d'abril;
Ou, qual o lyrio, que se pende airoso,
Mui perfumoso, lá do seu hastil!

Eu sou agora o lyrio sossobrado!
Tufão ousado fez-me ao chão volver;
Quero ter vida, e de ti careço,
Oh! desfalleço! Vem-me soccorrer!...

Dá-me o perfume d'essa linda rosa,
O rescender do mais mimoso lyrio;
Garboso porte da sempreviva airosa,
E, vem, piedosa, tirar-me o delirio.

Se isso fizeres, se me acalentares,
Se me fallares, eu direi: — que vivo;
Mas, se cruel, tu me desprezares,
Eu, de pezares, para a tumba sigo!

Qual sempreviva, que se ostenta bella,
Tu és, donzella, d'essa flôr — retrato;
Como é tão bello o teu porte altivo,
E como é vivo teu olhar tão grato!...

F. P. Lisboa.

MODINHAS

O INFELIZ

Musica da modinha — *Um terno sorriso*

Avára sorte,
Cruel tormento,
Sempre devora
Meu pensamento.

E o peito oppresso
P'la dôr pungente,
Soffre os rigores
Que o fado tente.

Da taça amarga
Sorvendo o fel,
Meu peito sente
Não ter quartel.

Assim, soffrendo,
Sempre constante,
Tenho martyrios
A cada instante.

O vicilino,
Terno, mimoso,
Da rosa o nectar
Frue, ditoso.

O infeliz
A' sorte exposto,
Tem por divisa
Agro desgosto!

A borboleta
De vivas côres,
Sobre a campina
Goza de amores.

Mas o meu peito,
Sempre tristonho,
Soffre da sorte
Golpe medonho!

A. C. d'Oliveira Fernandes.

RECITATIVOS

ESQUECER-TE?!

Quero esquecer-te, mas debalde tento,
Mão de ferro me prendeu a alma;
Quero esquecer-te, mas prefere o peito
Soffrer e amar-te, sem a dôce calma!

Oh! eu te amo, com fervor insano,
E gemo e choro, porque não és minha;
Oh! eu te amo, elevei-te um throno
N'este meu peito, aonde és rainha.

Ouve, ó Diva:—meu gemer é triste,
E' melodia do sagrado templo;
Longe, eu lamento; perto, eu m'estremeço;
E não és minha, e eu não te contemplo!

Quero esquecer-me de teu rosto amado,
D'esses teus olhos divinaes, fulgentes...
Mas ai! minh'alma a teus pés curvada,
Chora, coitada, lagrimas ardentes!

Porque assim o teu amor pesou-me,
Branca pombinha que suspira á tarde?
Tu qu'és tão pura, ateaste o incendio
No qual minh'alma innocente arde!

Eu sou qual lyrio do hastil tombado
Que morto embora, —vê soprar o sul;
Perdido nauta que navega a esmo,
Cravando os olhos lá no céo azul!

Tu és a briza que fagueira, á tarde,
Sopra de manso, agitando as flôres;
Serena estrella sob um céo d'anil,
Cheia d'encantos, de gentis fulgores.

Ouve, ó Diva:—meu gemer é triste,
E' melodia do sagrado templo;
Longe, eu lamento; perto, eu m'estremeço;
E não és minha, e eu não te contemplo!

J. L. da Costa Sobrinho.

MULHER, AMEI-TE!

Mulher, amei-te! no delirio insano,
Nunca um engano nos teus olhos vi!...
Amei teus risos virginaes, pensando,
Sempre sonhando muito amor em ti.

Amei teus risos, teu olhar ardente:
Por ti, contente, minha vida eu déra!
Amei as vozes de teu canto impuro,
Amei-te, e juro, por te vêr sincera.

Amei as crenças que ao romper da aurora
Tinha, e que agora são p'ra mim — desgostos!
Amei das auras a canção serena,
A côr morena de teu bello rosto.

Amei a relva que o pésinho breve
Pisava leve, sem dobrar ao menos!
Amei teus labios, palpitar do seio,
Pensando, cheio de amorosos threnos!

Amei-te, e louco, te adorára um dia,
Alma que eu cria, dos affectos santos!
Amei-te, e louco te cedêra est'alma,
A crença, a calma, mesmo até... meus prantos!

Mas tu, que apenas no calor das salas
Amas as fallas de mentida crença;
Oh! não podeste comprehender meu peito,
Sublime leito de paixão immensa!

Mas, diz: se á sombra de dourados tectos
Crês nos affectos que a teus pés rastejam?
Se meigas vozes só te pedem risos,
Se meigos risos teu amor desejam?

P'ra que quizeste do mancebo honesto,
Riso modesto merecer impura?!
Para que os risos de teus labios bellos
Tentam, singelos, inspirar ternura?!

Que eu seja hoje teu ludibrio — é justo;
Já que sem custo inclinei-me a ti!
E, se te amando maculei minh'alma,
Do gozo a palma, aonde está? — perdi. —

* * *

O QUE EU SOU

Eu sou qual lyrio que os sepulchros ornam
E ás vezes tornam somnolenta a lua;
Qual caminhante que cançado pára
Quando depára co'a choupana sua...

Eu sou qual rosa que vaga á tôa
Lá na lagôa crystallina e pura,
E quando esquecida da tyranna lida
Perde a vida, a salvação futura.

Qual açucena que em desertos prados
Jaz sem cuidados, soffredora e só...
Assim supporto do martyrio as dôres
Soffrendo amores... mas ninguem tem dó.

Por isso triste, de viver cançado,
Sou desprezado como o proprio pó!
Ai! quem diria, que minh'alma triste,
Já não resiste... reservada é só...

O mundo é um sonho d'illusões douradas
Por nós creadas... na imaginação,
Nós, pobres loucos, de correr cançados,
Somos atirados para a perdição!

D. Camargo.

A PUPILLA

(Parodia á *Judia*)

A noite estava em meio; a lua... repousava
Em torno da fazenda; —escuro, como breu!
Lá dentro, no poleiro, o gallo... nem cantava!
Silencio sepulchral e triste — como eu!

Mas n'isto, de repente, um cão da Terra Nova
Latindo com furor, põe tudo em confusão!
Os grillos a tremer, encolhem-se na cova!
Reune-se o pavor á « negra » escuridão!

Oh! tardes da Pampulha! oh dias venturosos!
Noites em que sonhei! manhãs em que vivi!
Cartas do meu amor! suspiros dolorosos!
Arvore a cuja sombra... a amar eu aprendi!

Se acaso meu tutor não fosse tão perverso,
E eu podesse um dia unir-me ao meu Luiz,
Levando quanto ha de grande no universo,
Vivera na Pampulha alegre e bem feliz!...

A noite estava fria: envolta no meu chale,
Fui vêr se resonava o preto Serafim,
Porém voltei atraz: na cerca, junto ao valle
Um vulto lobriguei: cantava, — e era assim:

Ouves meu canto, minha voz plangente,
Pomba innocente, divinal mulher?
Olha, não posso caminhar ávante,
Esse tratante d'esse cão... não quer!...

Dormes? pois dorme: ficarei velando
E em ti pensando... como penso em mim!
Dorme! repousa! recupera alento
Que eu conto ao vento quanto sinto emfim!

Anjo dos anjos! resplendente norte!
Em quanto a morte me deixar viver...
Hei-de seguir-te como um cão de fila,
Rica pupilla.—Não tem mais que vêr!

D'onde vieste, em que paiz andaste?
Onde deixaste teu querido pai?
No Porto? em Braga? em Macacu? na China?
Pobre menina! que tormento! ai! ai!

Harpa sem corda que no mundo vagas
Longe das plagas onde viste a luz,
Ave sem ninho, suspirosa pomba
Sobre quem tomba tão pesada cruz!...

Herdeira rica de um peculio immenso,
No qual eu penso—quando penso em ti,
Foge commigo; vamos vêr o mundo!
Deixa o profundo lodaçal d'aqui!

Porque motivo has-de ficar solteira,
Tu, que és herdeira de peculio tal?
Casa commigo, divinal donzella,
Deixa a tutella, que parece mal!

Meu cavaquinho! porque choras tanto?
Canto! meu canto!—vou perdendo a voz!...
E' praga, é praga, companheiro, vamos,
Prestes fujamos d'esse cão feroz.

*

Ladra, maldito ladrador do inferno!
Trifauce eterno acorrentado ahi!
Ladra, barreira que me impede um gozo!
Ladra, tinhoso! que eu não fico aqui.

CANÇÃO

O PESCADOR

Barco ao mar, ó pescador,
Solta as velas ao frescor
Da briza que geme e chora:
Lança teu barco ligeiro
Sobre este mar tão fagueiro,
Eia á pesca, sem demora!

Bonançoso está o mar
Para os segredos guardar
De tuas canções de amor!
A lua no céo mimosa,
Reflecte silenciosa
Sobre ti, ó pescador!

Já vai o gentil barquinho
Por sobre as ondas sósinho,
Garboso, alegre a correr;
Mais de um peito jaz sentido
De saudade entristecido,
Levanta o véo do soffrer.

Linda, uma virgem chorando
Na praia, está murmurando
Pia e fervente oração!
E o amante pescador,
Lembra-se n'este amor
Mysterio do coração!

O tão lindo pescador
Vê na praia seu amor
Por elle triste a chorar!
Empunha sua viola,
E pungente barcarola
Começa triste a cantar:

Adeus anjo,
Adeus amor.
Lembra-te sempre
Do pescador;

Que vai tristonho
Em ti pensando
E seus gemidos
Vai-te offertando.

Eu te prometto
Quando voltar,
Oh! minha virgem
Mais te adorar!

Se ouço a vaga
Triste gemer,
Teu lindo nome
Vem me dizer!

Se a briza passa
Dando o frescor,
Por ella envio
Meu triste amor.

Lembra-te sempre
Do pescador,
Adeus, meu anjo,
Meu pobre amor!

LUNDÚ

MEU CORAÇÃO ESTÁ VAZIO

Meu coração está vazio,
Vou pôr escriptos agora;
Se m'o quizer alugar
Dou preferencia á senhora.

Tem salas, quartos, saletas,
Gabinete e corredor;
O aluguer é barato
Mas exige fiador.

N'elle já tem habitado
Moças todas bonitinhas,
Altas, baixas, gordas, magras,
Claras, louras, moreninhas.

De algumas levei calotes
Por n'ellas me haver fiado;
Agora o ajuste é outro:
Um beijinho adiantado.

Tem um formoso jardim
Todo enfeitado de grades,
Com suspiros, não-me-deixes,
Amor-perfeito e saudades.

Em cada compartimento
Estão retratos diversos
E no papel das paredes
Uma enfiada de versos.

Quem n'elle morar agora
Não precisa de folhinha,
Que o nome alli ha-de achar
De toda e qualquer santinha.

Entre, pois, minha senhora,
Tome posse da morada,
Que depois de estar lá dentro
Não se lembra de mais nada.

RECITATIVOS

FLÔR DE MINH'ALMA

Flôr de minh'alma perfumosa e linda,
Busca n'alvura d'esse seio abrigo;
Conta-lhe as fallas que eu te digo a sós,
Vai, flôr querida, que eu serei comtigo.

Ah! não consintas que esse amor de anjo
Seja levado p'lo soprar de Deus...
Ah! não consintas, minha flôr, te peço;
Sim, velai sempre p'los amores meus.

Quando tristonho declinar o dia,
Em mim lhe falla, minha pobre flôr;
Lembra-lhe os prantos que verti por ella,
Lembra-lhe as horas do saudoso amor!...

Pinta-lhe o manto de minh'alma triste,
De côr tão negra, pela dôr manchado;
Pinta-lhe as chammas d'esse amor ardente,
Que no meu peito já se tem creado.

Beija-lhe a fronte divinal e santa,
Como se eu fôra, dá-lhe amor tambem;
Dá-lhe teus cantos, bafeja-lhe a vida,
Dá-lhe o perfume que o teu seio tem.

Porém se um dia, minha flôr, tu vires
Que a lyra esquece do seu bom cantor,
Vôa aos braços de minh'alma triste,
Entoando um hymno ao infeliz amor!...

O. S. Mello.

HONTEM NO BAILE

esia do dr. J. Tito Nabuco d'Araujo, e musica de R. E. Graça Bastos

Hontem no baile, do teu seio lindo,
Meiga e sorrindo, me offertaste a flôr;
Beijei-a tremulo, e meu sêr captivo,
Do porte altivo, suspirou de amor.

Terna me olhaste, e nos teus olhos bellos,
Quantos anhelos, quantos sonhos li!
Lagrima triste deslisou no rosto,
Fundo desgosto por te amar senti.

A flôr querida, concheguei ao peito,
E o amor-perfeito emmurcheceu de dôr;
Lá, no teu collo, era lindo, amado,
Aqui nevado, desfolhou no alvôr.

Então aos olhos, de soffrer batidos
Sempre abatidos, a verdade veio,
Quadro de sombras, infernal, horrivel,
O impossivel, a se erguer permeio.

A luz da vida me roubaram rindo,
Vivo carpindo, meu amor proscripto,
Foge, não venhas, eu só tenho dôres,
E' só de horrores, o meu fado escripto.

Ergue teus olhos para a luz da aurora,
Ella desflora do oriente o véo,
Da primavera não desfolha as flôres,
Os teus amores devem ser p'ra o céo.

CANÇÃO

INDA DIZES?

Resposta á canção — *Minha mãi*

Inda dizes, ó lambida,
Que um poeta te tirou,
E, inda mui derretida,
Que açucena te chamou?!
Que te disse certa cousa?!...
Ah! não sei como já estou...

E pedes p'ra ao baile eu ir,
Hein, senhora descarada?!
As pastas que vossê quer
E' a cabeça rapada.

Tu já contas treze annos? !
Jesus! que cara estanhada!...

Que tal acham a minha cuja?
Não quer ser mais yáyásinha!...
Pois, d'ora avante mui suja,
Andará lá na cozinha,
Socará milho p'ra pintos,
Verá o ovo da gallinha.

Se bordas, marcas, espantas
A gente, e sabes pular,
Inda faltam cousas tantas
Que convém eu te ensinar:
Ires lavar tua roupa,
Pegar no ferro, engomar.

A tal folha do coqueiro
Ao cahir da viração,
T'a darei c'um marmeleiro
Té te vêr fazer vergão!
E teu primo não mais entra
Em casa, não quero, não!

F. P. Lisboa.

LUNDÚ

A MORENINHA D'AQUI

(RESPOSTA Á MULATINHA DE CÁ)

Musica do lundú — *Do Brazil a mulatinha*

Tem no rosto — *inexprimivel*
Belleza, como não vi;
Tem um gesto mui — *sensivel*
A moreninha d'aqui!

Mais clara que o *chocolate,*
Menos bella do que houri;
Mas tem valor de *quilate*
A moreninha d'aqui!

Nem vatapá da Bahia,
Nem o dôce abacachy
Vencerão em *primazia*
A moreninha d'aqui!

E' qual melado em *doçura...*
Outra igual inda não vi;
Tem no seu todo a *primura*
A moreninha d'aqui!

Requebra e fica *engraçada*
Quando avista o seu dandy;
Torna a gente *eclipsada*
A moreninha d'aqui!

Se os olhos revira *ella*
Praguejando, nos diz — ih!...
Córando após, se faz *bella*
A moreninha d'aqui!

Curvando-se com tal *derriço,*
No requebro ella sorri;
E c'um olhar faz *feitiço*
A moreninha d'aqui!

Se fallardes em *folia*
Vel-a-heis pulando ahi...
Sempre com dôce *alegria*
A moreninha d'aqui!

Não ha outra como *ella,*
Nem aqui, nem acolá...
Que cause prazer ao *vel-a*
Sorrindo-se: — *ah! ah! ah! ah!*

A. C. de Oliveira Fernandes.

MODINHA

PASSEANDO NA FLORESTA

Passeando na floresta
    Pela sésta,
Deparei com lindo anjo!
Tem nos olhos formosura,
    Tem candura
No seu rosto, que é d'Archanjo!

A contemplar o tal rosto,
Eu com gosto
Mil vezes me extasiei!...
E' do céo anjo cahido,
E erguido
Cá na terra, a nos dar lei!

Oh! quem me dera viver,
Sempre ser
A tal anjo obediente!
Minha vida era de rosas
Perfumosas,
Meu viver bem florescente!...

Eia, pois — ouve-me, ó anjo,
Ó Archanjo,
Minha humilde narração:
Se-és anjo do Empyreo,
Casto lyrio,
De ti — quero protecção...

F. P. Lisboa.

FIM DO VOLUME II

INDICE

DUAS MULHERES, romance de A. Belot.

JULIO DINIZ — Os fidalgos da casa mourisca. 2 v. — A morgadinha dos Cannaviaes, chronica da aldêa. 2 v. — As pupillas do snr. Reitor. — Uma familia ingleza. — Os novêllos da tia Philomela e o espolio do snr. Cypriano, com o retrato do author. — As apprehensões de uma mãi e uma flôr d'entre o gelo. — Poesias.

MYSTERIOS DO ALCAZAR, por Santos Leal.

TEIXEIRA E SOUSA — Tardés de um pintor, ou as intrigas de um jesuita. 3 v. — Maria, ou a menina roubada. — A Providencia. 5 v. — As fatalidades de dous jovens. 4 v. — O filho do pescador. 1 v.

A INDEPENDENCIA DO BRAZIL, poema em 12 cantos. 3 v. — Os tres dias de um noivado, poema.

F. X. DE NOVAES — Manta de retalhos. 1 v. em prosa e verso. — Cartas de um roceiro. — Poesias. — Novas poesias. — Poesias posthumas, com retrato. — O futuro, um grande e grosso v. com romances, poesias, musicas e estampas. — Scenas da Foz, comedia.

O ANNEL PRETO, historia de uma infeliz. 2 v.

DR. BARBOSA RODRIGUES — Contos nocturnos. — O livro de Orlina, paginas intimas.

FERNANDES DA ROCHA — Augusto e Olympia, 2.ª edição augmentada. — Isbella, romance. — Confissões de uma freira. — O espectro de Helena em sonhos ao homicida. — Maria da Conceição, a victima do desembargador Pontes Vesgueiro.

VIEIRA DE CASTRO — Discursos parlamentares. — Uma pagina da universidade. — A republica. — Biographia de Camillo C. Branco. — Processo de Vieira de Castro, com 2 retratos.

TINANDRO — O libello do povo, 3.ª edição.

CASIMIRO DE ABREU — Primaveras, nova edição augmentada com poesias, biographia e retrato do author.

CARLOS, romance do dr. Adolpho R. da Silva.

JOSÉ DE ALENCAR — A expiação, comedia. — As azas de um anjo, comedia. — Uma these constitucional. — Discursos. 1 v. — Ao correr da penna.

ZALUAR — Contos da roça. 2 v. — Revelações, poesias. — Peregrinação pela provincia de S. Paulo. — Dôres e flôres, poesias. — Sabios illustres: Biographia de Christovão Colombo.

O LIVRO DO DEMOCRATA, por Arcesilão.

EUGENIO SUE — Mathilde, memorias de uma joven. 8 v. — Os filhos do amor. 2 v. — O aventureiro. 3 v. — Martim, o engeitado. 6 v. — O Pachá de Janina. 1 v. — Bertha de Plouermel. 2 v. — A predicção. 4 v. — Hercules Valente. 2 v. — O marquez de Sorville. 2 v. — A familia Jouffroy. 6 v. — A vigia de Koatven. 1 v. — Atar-Gul. 1 v. — Miss Mary. 3 v. — O João cavalleiro. 4 v. — Thereza Dunoier. 2 v. — A salamandra. 3 v. — A Buena-Dicha. — Os sete peccados mortaes. 12 v. — Theatro da vida humana. 5 v. — Os filhos-familia. 3 v. — O commendador de Malta. 2 v. — O Judeu Errante. 16 v. — Os mysterios de Paris. 16 v. — O segredo do travesseiro. 4 v. — O vaticinio. 2 v. — O almirante Levacher. 1 v. — Os mysterios do povo. 9 v. com est.

ESQUIRÓS — Processo do primeiro martyr da liberdade brazileira J. J. da Silva Xavier, por antonomasia o *Tira-dentes*. 1 v.

LEO JUNIOR — As mulheres perdidas, typos contemporaneos. 3 v. — Os libertinos e tartufos. — As preciosas celebres e as mercadoras do amor. — A cruz de fogo. — O lyrio do sepulchro. — Luiza, a resuscitada.

Landelle — A vingança do sargento, romance maritimo. 3 v.

Ernesto Capendu — A filha do preboste de Paris. 4 v. — O palacio de Niorres. 5 v. — O rei dos gageiros. 4 v. — Marcolfo, o Maloino. 5 v. — O mastro da fortuna. 1 v. — Gilberto. 3 v. — O tambor da 32.ª brigada de infanteria. 9 v.

A perdição da mulher, por Escrich, romance. 8 v.

Historia universal, pelo abbade Millot. 10 v.

Frederico Soulié — Memorias do Diabo. 8 v. — Os dous cadaveres. 1 v. — Os pretendentes. 2 v. — A condessa de Monrion. 3 v. — O testamento do conde. 6 v. — O conde de Tolosa. 2 v. — O leão amoroso. 1 v. — Oito dias no castello. 1 v. — A bananeira. 2 v. — O bezerro de ouro. 1 v. — Leona. 2 v. — O ferreiro. 3 v.

José Palmella — A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade. 3.ª edição.

Dr. Moreira de Azevedo — O pequeno panorama, descripção dos principaes monumentos da cidade do Rio de Janeiro. 5 v. — Lourenço de Mendonça. — O mosaico. 1 v. — Os francezes no Rio de Janeiro.

Barão de C. de Paiva — Ultimos fins do homem. 2 v.

Joaquim de Vasconcellos — Os musicos portuguezes, biographias, bibliographias. 2 v.

Lamartine — Graziella, trad. de Bulhão Pato. — Historia dos Girondinos. — Antoniella. — Raphael. 2 v. — O passado, o presente e o futuro da republica. 2 v. — O pedreiro de Saint Point. 2 v. — Genoveva. — Historia da revolução franceza. 1 v.

Santos Neves — Homenagem aos heroes brazileiros na guerra contra o Paraguay, com retratos.

Andrade Ferreira — A familia do jesuita, romance. — Litteratura, musica e bellas-artes. 2 v — Ultimos momentos de D. Pedro v.

Santos Leal — Mysterios do Alcazar. — O Rocambole Junior, comedia.

Ségur — Os franc-maçons, o que são, o que fazem, o que querem. 3.ª edição.

E. Rollet — O homem da faca, romance. 3 v.

Affonso A. de Mello — A liberdade no Brazil, seu nascimento, vida, morte e sepultura.

Conselheiro Bastos — Collecção de pensamentos, maximas e proverbios. 2 v. — O medico do deserto. — A virgem da Polonia. — Dous artistas, ou Albano e Virginia. — Meditações, ou discursos religiosos.

Os ciumes de uma rainha, romance de T. Tarrago. 9 v.

Alexandre Dumas — As memorias de um medico, sendo a 1.ª parte — O José Balsamo; 2.ª O collar da rainha; 3.ª Angelo Pitou; 4.ª Condessa de Charni; 5.ª Ultimo rei dos francezes. — O salteador. 3 v. — Memorias de uma favorita. 2 v. — Historia do reinado de Luiz xvi e de Maria Antonietta. 6 v. — Tres homens fortes; Urbano Gradier; A princeza de Monaco. 5 v. — O pirata das Antilhas. 2 v. — O pastor d'Ashbourg; Olympia de Cleves; Os mohicanos de Paris. 12 v. — Os mil e um phantasmas. 3 v. — Memorias da França e minhas. 3 v. — Recordações da minha vida. 4 v. — As minhas memorias. 5 v. — Memorias de Garibaldi. 2 v. — Historia do reinado de Luiz xv. 4 v. — Luiz xiv e o seu seculo. 4 v. — Jorge, ou o capitão dos piratas. 2 v. — Impressões de viagens. 1 vol.

Porto: 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62